

# **Teoria Caoísta**

**Wanju Duli**

**2016**

Imagem de Capa:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fractal\\_de\\_Lyapunov](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fractal_de_Lyapunov)

Design de Capa: Luigi Ligocky

# Sumário

Considerações Iniciais	5
Introdução	7
Capítulo 1: Superstições	15
Capítulo 2: A Coroa do Rei	30
Capítulo 3: O Geômetra de Almas	55
Capítulo 4: Teoria da Magia do Caos (TMC)	67
Capítulo 5: O Sol e a Magia	85



## Considerações Iniciais

Tentei montar esse livro com um estilo ligeiramente diferente dos outros livros que eu já escrevi, como um experimento. A diferença principal é que coloquei data e hora conforme escrevia e além das reflexões sobre magia acrescentei alguns acontecimentos do meu dia a dia.

Eu comentei alguns acontecimentos, enquanto outros eu apenas descrevi, sem falar nada a respeito. Eu os acrescentei por dois motivos principais. Um deles é que como ando me divertindo lendo biografias (a melhor biografia que já li até hoje foi a do John Hunter), acho curioso saber uma ou outra coisa sem importância sobre quem escreve. As coisas que contei aqui foram totalmente banais, mas exatamente por esse motivo achei que valiam a pena ser contadas.

Outro motivo é que falar de teoria da magia pode ser um pouco maçante, especialmente quando entramos a fundo em questões mais intrincadas. Para quebrar a monotonia, achei que adicionar aqui e ali coisas como “hoje eu comi feijão” traria um instante de “volta ao mundo real” em meio ao passeio no mundo das ideias.

Mais um aspecto marcante é que o livro não tem uma organização específica. Eu apenas escrevi sobre vários tópicos conforme eu me lembrava. Isso pode gerar alguma frustração, mas sei que aqueles que leram livros como “Principia Discordia” não irão realmente se incomodar.

## Wanju Duli

Finalmente, há momentos em que eu posso parecer meio teimosa, arrogante ou cabeça-dura, mas irei trabalhar para corrigir isso na próxima década da minha vida. Sem muitas expectativas.

Por enquanto, isso é o que consigo escrever, palavras repletas dos meus preconceitos e esperanças. E uma das minhas esperanças é que você seja capaz de curtir o livro sem sentir muita raiva da minha inexperiência e dos conselhos furados. Sou confiante o suficiente para afirmar que, se você procurar bem, vai encontrar alguma coisa por aqui que te sirva. A não ser que você viva em outro planeta, mas nós somos ocultistas. Já começamos os contatos com os outros mundos e se às vezes parece que somos apenas estranhos, isso não nos impede de dar boas risadas do fato de que nos sentimos à vontade com isso.

# Introdução

16 de maio de 2016, 19:50

Querido Diário Caoísta,

Hoje eu estava alegremente lavando os pratos. Não porque eu tenha necessariamente comido alguma coisa. Eu vi pratos na pia e senti a necessidade imediata de lavá-los. Não consigo ver pratos na pia sem desejar lavá-los imediatamente.

Chame isso de pecado, compulsão, imbecilidade, desocupação, como quiser. O fato é que eu estava muito alegre na frente da pia fitando o sabão e pensando na morte da bezerra quando meu pai sai pela porta da área de serviço, ligeiramente indignado:

– Conhece a teoria de que as máquinas de secar comem meias?

Eu estava um pouco distraída para entender completamente o quão sutil era essa observação. Mas o termo “teoria” levou a maior e meus ouvidos ficaram bem abertos para escutar o que viria a seguir.

– Hein? – perguntei.

– Como se explica que uma meia que usei uma vez só já esteja sem par? Isso é uma coisa de outro mundo!

Nos minutos seguintes, meu pai passeou pela casa sacudindo a meia solitária e elaborando sua teoria sobre a máquina de secar. Minha mente estava repleta de ideias.

## Wanju Duli

Logo depois, cheguei à seguinte conclusão: a máquina de secar é um portal para outra dimensão. Nessa outra dimensão vivem muitas meias solitárias.

Curiosamente, não me senti triste ao pensar nisso. Imaginei que, pelo contrário, esse outro mundo era bastante agradável.

Tenho vontade de visitá-lo qualquer hora. Eu, por outro lado, nunca notei se meus pares de meia se perdem. Nunca liguei em usar pares de meias diferentes. Se as meias ficam dentro dos tênis, sapatos ou botas, por que se importar?

Eu ligava um pouquinho só na época que eu fazia meditações em grupo em templos budistas e chegava a hora de tirar os sapatos para meditar.

Atualmente não me importo muito com meias. Aparentemente, isso conta algo a meu respeito.

(21:01)

Estou lendo “Teoria do Conhecimento” de Johannes Hessen. Eu o encontrei numa biblioteca. Estou me tornando frequentadora assídua de diferentes bibliotecas. Bem melhor do que passear apenas em livrarias. Uma mudança de ares.

Ler livros escritos por pessoas que já morreram é como realizar a arte da necromancia. Quer conversar com os mortos? Pois bem. Eis sua oportunidade. É muito fácil. Só não é tão simples para a mente enfrentar esse choque de pensamentos de outras épocas.

Contudo, Hessen não se configura no quesito “autor alienígena”. Vejamos esse trecho, sobre Leibniz:

## Teoria Caoísta

*“O mundo, segundo ele, é composto por infinitas mônadas que se apresentam como mundos totalmente fechados em si mesmos. Consequentemente, não é possível que haja ação recíproca entre elas. A conexão e a ordem no mundo dependem de uma harmonia originalmente estabelecida por Deus”.*

Lembro que antigamente eu gostava de pensar nas mônadas como as almas dos átomos, ou as guardiãs de mundos esquecidos. Quase como se tivessem vida e consciência.

De qualquer forma, o termo “mônada” sempre exerceu certo fascínio sobre mim. Até hoje, acho que ainda não entendi o que é uma mônada e talvez eu queira manter o mistério que esse nome suscita.

Quanto a Deus, eu penso: e se Ele decidiu criar um mundo totalmente caótico? Por que Ele decidiu que o mundo deveria ser harmônico e ordenado?

Para mim, a existência de ordem e lógica entre os fenômenos não é uma prova decisiva da existência de Deus. Prefiro pensar que quanto mais ilógico é nosso mundo, mais sentido faz que Deus exista. Afinal, precisamos de um faxineiro para limpar toda essa bagunça.

No entanto, cada um deve fazer a sua parte por um mundo com menos lixo. Não acho que devemos jogar lixo no chão para gerar empregos para os Deuses que estão por aí sem fazer nada. Deus também quer jogar videogame às vezes. Então devemos fazer a nossa parte.

(21:29)

Malebranche. Li o nome desse cara recentemente, quando estava lendo a autobiografia de Heisenberg.

## Wanju Duli

Na verdade, já li referências ao nome dele em diferentes livros e me dou conta que até hoje nunca parei realmente para verificar sobre o sujeito.

Acabo de ler a segunda ou terceira menção a ele no livro de Hessen. Então é isso. Hoje vou descobrir quem é o famoso Malebranche!

Wikipédia. Olá, Nicolas. Gostei do seu chapéu.

Conheceu Gottfried Leibniz. Isso explica muita coisa. Cara, eu nunca vou entender esse pessoal viciado em Santo Agostinho (incluindo o papa Bento XVI) se o São Tomás de Aquino é TÃO mais legal.

Sério, vocês já leram “Confissões”? Devo ter lido pelo menos umas três vezes. Não sei porque já li tantas vezes, pois nem gostei do livro. Vai entender. O sujeito só faz se lamentar. Algo como: “Meu Deus, roubei frutas do pomar do meu vizinho quando eu era criança, como sou sujo, um verme, um infeliz!”.

São Tomás é mais de boa. Apenas escreva um monte de coisas incompreensíveis envoltas em vocabulário hermético filosófico. Já li a “Shorter Summa” e não sei quantas biografias e livros de comentários sobre Aquino. Eu entendi alguma coisa? E depois ainda dizem que Kant é difícil.

No entanto, o que me agrada no Aquino não é o fato de eu não compreendê-lo como eu gostaria. É sim o que sinto enquanto o leio. Nos raros momentos em que saquei o que ele quis dizer, o êxtase é enorme. Vale a pena só por esses breves momentos.

Mas deixemos isso de lado e vamos analisar essa passagem sobre Hutcheson, discípulo de Shaftesbury:

*“Nossos juízos éticos de valor, ensina ele, não se baseiam na reflexão, mas na intuição. Assim como nosso sentido de*

## Teoria Caoísta

*visão percebe imediatamente as cores, o sentido moral percebe imediatamente as qualidades referentes ao valor de uma ação ou de uma disposição de espírito”.*

Por falar em polêmica.

Mas por que eu desejaria apagar o fogo se eu mesma acendi a chama?

(21:51)

*“A religião, esclarece Schleiermacher, em seus muito lidos Discursos sobre a religião, é ‘sentimento e intuição do universo”.*

Ou seja, religião não é ética e nem metafísica. E por que estragar o jogo assim tão cedo? Canalha.

(22:10)

*“Schopenhauer observou, certa vez, que as pessoas que pretendem negar a existência do mundo exterior, nós simplesmente mandamos para o hospício”.*

Cruzes, que cara chato. Nunca fui muito com a cara desse filho da puta. Com todo o respeito.

Eu sou fã incondicional do Berkeley. Não quero que mandem meu queridinho para o hospício.

(23:15)

Tive uma conversa com a minha irmã. Foi mais ou menos assim: o método científico pode medir uma experiência espiritual? Por exemplo, muitas pessoas que meditam ou rezam seguindo um método sistemático, atingem resultados semelhantes que

podem ser reproduzidos. Até certo ponto, alterações de consciência podem ser medidas por aparelhos.

Um dos argumentos é que não se pode considerar científico a medição de uma experiência subjetiva. No entanto, a dor é uma experiência subjetiva e muitos profissionais desenvolvem escalas para avaliar a dor. Isso é considerado científico, mesmo que a dor varie de pessoa para pessoa. Então por que a experiência espiritual não poderia ser medida por métodos científicos?

Cozinhei minha janta e comi enquanto assistia um drama coreano. Os dramas taiwaneses também são ótimos.

Não darei detalhes sobre o que cozinhei porque eu acabaria me sentindo tentada a dar a receita. Mas não seria má ideia transformar isto num livro de culinária. Melhor do que um livro de caoísmo virar livro de filosofia.

17 de maio de 2016, 00:16

Finalizei a leitura desse livro em um dia, porque era bem curto. Achei isso no final:

*“A religião e a metafísica são campos essencialmente diversos e, por isso, é impossível a passagem de um para outro”.*

O argumento é que a religião se sustenta sozinha e não precisa da filosofia. Os tais argumentos filosóficos a favor ou contra a existência de Deus seriam, portanto, mera curiosidade e entretenimento na certa.

## Teoria Caoísta

Algumas vezes filosofia cansa, porque se supõe que seja possível resolver tudo pela razão.

Razão serve para dar orgasmos. Para aqueles momentos “Ooohh!” E, claro, para auxiliar resultados empíricos. Contudo, espiritualidade se enquadra numa categoria diferente da mera razão e experiência dos sentidos. É quase como a “Terceira Mente” de William Burroughs, que surge quando duas se juntam (razão e experiência, nesse caso).

Então descobrimos que pode haver coisas como espíritos e Deuses. É claro, podemos aceitar isso pela fé (dogmatismo) ou ser cético em relação a isso (ceticismo). Podemos também dizer que essas coisas dependem de experiências subjetivas, são criações mentais (subjetivismo/relativismo) ou que elas só fazem sentido quando se obtém um resultado prático (pragmatismo).

Todavia, há uma posição intermediária entre dogmatismo e ceticismo, que seria o criticismo.

Não sei porque esse desejo de reduzir o mundo todo a uma única coisa (monismo). Por que tem que ser tudo preto ou tudo branco? Ou a realidade se fundamenta na razão ou na experiência? Que tal o auxílio de um pouco de cada, como sugere Francis Bacon, Kant e tantos outros pensadores?

Eu acredito que é possível analisar a realidade por diferentes teorias. Nenhuma teoria é perfeita. Cada uma possui suas vantagens e desvantagens e, unidas, possuem força.

Há quem pense que a Magia do Caos cai na definição de relativismo e pragmatismo. Mas essas são somente algumas de suas facetas. A característica

## Wanju Duli

mais básica do caoísmo é a liberdade de abarcar, potencialmente, quaisquer sistemas de crença.

O caoísta pode ser dogmático na segunda-feira e cético na terça. Pode ser adepto do racionalismo na quarta e do empirismo na quinta. Na sexta é claro que ele vai comer um cachorro-quente para louvar Éris. No sábado louva o Diabo e no domingo louva a Deus. Ele ainda vai dar conta de encaixar os Deuses dos demais panteões nos outros dias da semana.

Se faltar dias da semana, ele inventará novos dias e neles colocará os Deuses que ele mesmo criou.

Bem-vindo ao mundo da teoria da magia. Um mundo em que compreendemos a importância da teoria e da razão, numa era em que se coloca tanta ênfase na experiência (método científico) e no pragmatismo.

Você logo descobrirá que a Magia do Caos é tão pragmática que pode criar um sistema que, para fins práticos, uma forte base teórica é necessária. Também se surpreenderá ao notar que ao mergulhar profundamente na teoria obterá mudanças empíricas palpáveis, a ponto de teoria e prática se confundirem.

A teoria da Magia do Caos (Chaos Magic Theory, ou CMT) não tem cabimento. Ela não serve para “caber” numa caixa e sim para ser constantemente debatida e transformada.

Wanju Duli, Porto Alegre, 1h da manhã do dia 17 de maio, tenho que acordar cedo amanhã, o que eu tô fazendo aqui?

## Capítulo 1: Superstições

(22:11)

Segundo Jayme Paviani no livro “Epistemologia Prática”, paradigma é um conceito próximo de modelo e semanticamente mais amplo do que teoria.

Meu dia hoje foi consideravelmente exótico. Pela manhã, li uma entrevista com alguém que havia feito cirurgia bariátrica. Fiquei encantada ao notar como essa maravilhosa mulher sempre teve uma vida repleta de alto astral, sendo muito positiva e otimista.

Pela tarde, eu e três amigas estávamos caminhando juntas até a parada de ônibus, até que vimos o veículo do SAMU. As três ficaram muito curiosas e fizeram questão de caminhar até o local do acidente para espiar, embora eu não tivesse essa vontade. Chegando lá, a moto estava caída no chão e o rapaz já estava cheio de ataduras e sendo colocado na maca.

No fim da tarde, eu tirei os tênis e tive que ficar de meia para fazer exercícios. Fazia tempo que isso não acontecia. E ocorreu logo hoje, após eu fazer toda aquela reflexão sobre meias ontem. Curioso, hã?

Tive uma aula de pilates, completamente inesperada.

Também toquei uma música boba no piano hoje. Eu apenas vi um piano e fiquei com vontade de colocar as mãos nas teclas. E todos ao meu redor falando: “toca, toca!” Bem, por que fui começar?

Toquei aquela porcariazinha, que já nem me lembrava. É curioso como as pessoas já ficam felizes com uma música tão simples. Mas eu gosto dessa felicidade simples.

(22:41)

Para Gregory Bateson, não existe a chamada experiência objetiva.

Eu me pergunto se também não existem teorias objetivas. Afinal, se a razão é construída com base na experiência, e vice-versa, é natural que a teoria também seja “contaminada” (ou abençoada?) com a subjetividade do empirismo.

Sendo assim, até a mais lógica teoria matemática conteria aspectos subjetivos. Um computador poderia ser mais objetivo, mas até ele foi construído por uma mente subjetiva.

Como fugir disso? Será que nós queremos realmente fugir disso ou mergulhar nisso?

18 de maio de 2016, 12:49

Oito da manhã, sete graus, caminhando no meio do mato. A horta está ficando bonitinha!

Paviani nos dá alguns insights legais sobre a origem etiológica do termo “teoria”. Originalmente significa visão, contemplação. Provém do grego e o sentido está ligado ao fenômeno do espetáculo público, apresentação ou desfile solene.

Para os pré-socráticos, “tea” seria olhar para o palco de um ângulo específico. “Roa” a ação de

## Teoria Caoísta

tomar conta, vigiar ou guardar. “Teorai” então é assistir ao teatro, admirar algo com certo espanto. “Teorein” é assistir aos jogos públicos ou olhar com inteligência. Em Platão, teoria é contemplação das formas ou ideias e para Aristóteles a contemplação da verdade.

E agora, o que faremos com esses conceitos? Uma teoria da magia pode olhar para alguma coisa de um ângulo específico. Cada teoria escolhe um ângulo. E iremos vigiá-lo com afinco, investigá-lo. Será o grande guardião das formas.

Uma teoria não é apenas o conjunto de conceitos sistemáticos num papel, mas já possui ação no mundo no momento em que é criada. Ela passa a ter um corpo. Assim nossa mente poderá caminhar no mundo.

(17:42)

O conhecimento, ao longo da história, desenvolveu-se em torno de três formas básicas: a dialética, a analítica e a hermenêutica.

Não sei quanto a vocês, mas eu sempre preferi uma forma mais continental do que analítica. Não acho que se deva apegar a apenas uma maneira de ver as coisas e adotar somente uma teoria ou paradigma fixo. Ao contrário, acredito que o brilho da Magia do Caos seja exatamente a habilidade de realizar os saltos paradigmáticos.

A ciência é somente um modo de interpretar o mundo. Também há a arte, a filosofia, a teologia e muitas outras maneiras. A grande questão da nossa época, incluindo os magistas atuais, é que nos

apegamos ao método científico como se este tivesse um status próximo ao divino. Alguns também podem apontar como um problema que o divino tenha um status divino (por mais idiota que essa observação pareça), mas eu não diria que uma crítica é assim tão diferente da outra.

O que quero dizer é que algumas pessoas chamam a crença em Deuses e certas criaturas espirituais de superstição. No entanto, essas mesmas pessoas simplesmente “aceitam” o método científico como Verdade. Não questionam o que seja essa tal de ciência. Ela é seu Deus e seus sacerdotes são os ditos especialistas, os cientistas, e o que vem da boca de um deles é certamente o que há de mais sagrado e não deve ser questionado.

Quem deseja entender o que seja religião e porque ela funciona dessa forma deve estudar teologia a fundo. É uma área muito complexa. A própria teologia católica, por exemplo, tem mais de dois mil anos de história. Pense em milhares de pensadores escrevendo sobre isso durante tanto tempo. É ingenuidade e arrogância dizer que tudo é mera bobagem. Que as pessoas que viveram na Idade Média eram apenas ignorantes. E que agora, nós sim somos sábios! Todo mundo que pensa diferente de mim é um imbecil, certo? Todos que viveram em outras épocas e lugares não sabiam de nada.

Pode-se dizer que o método científico nasceu no interior da filosofia e, por que não, da teologia? René Descartes e Francis Bacon, tidos como os criadores do método científico, eram ambos cristãos. Os dois concordaram que a investigação do mundo material

## Teoria Caoísta

através de uma análise sistemática em nada entrava em contradição com a teologia.

Essa também é a posição do próprio Charles Darwin.

*Não vejo nenhuma razão válida para que as opiniões expostas neste livro ofendam os sentimentos religiosos de ninguém"*

Tal passagem foi escrita por ele em "A Origem das Espécies". Assim como esta:

*"Quanto aos meus sentimentos religiosos, acerca dos quais tantas vezes me têm perguntado, considero-os como assunto que a ninguém possa interessar senão a mim mesmo. Posso adiantar, porém, que não me parece haver qualquer incompatibilidade entre a aceitação da teoria evolucionista e a crença em Deus. Ao final, gostaria de encerrar com esta afirmação: Sistemáticamente, evito colocar meu pensamento na Religião quando trato de Ciência, assim como o faço em relação à moral, quando trato de assuntos referentes à Sociedade"*

Isso significa, simplesmente, que não é necessário misturar religião e ciência. Isso não significa que a religião seja inferior à ciência, mas que busca metas diferentes.

Você pode argumentar que ciência não é uma crença, pois existem provas empíricas de que ela está correta. Será? Vamos investigar essas passagens do livro "A Lógica da Pesquisa Científica" de Karl Popper:

*"Instrumentalismo, que foi representado em Viena por Mach, Wittgenstein e Schlick é a visão de que uma teoria não é nada mais que uma ferramenta ou um instrumento para predição"*

Você certamente já ouviu falar no uso da “crença como ferramenta” na Magia do Caos. Portanto, temos aqui um pensamento semelhante.

Também nos diz Popper:

*"Pode ser possível agora responder a pergunta: como e por que nós aceitamos uma teoria em detrimento de outras? A preferência certamente não é devido a uma justificação experimental das afirmações que compõem a teoria; não é devido a uma redução lógica da teoria à experiência. Nós escolhemos a teoria que melhor se mantenha em competição com outras teorias; aquela que, por seleção natural, se mostra a mais adaptada a sobreviver. [...] De um ponto de vista lógico, testar uma teoria depende de afirmações básicas cuja aceitação ou rejeição, por sua vez, depende das nossas decisões. Então são decisões que definem o destino de teorias. [...] A escolha [de uma teoria] é em parte determinada por considerações de utilidade".*

Esse é um pensamento próximo ao pragmatismo expresso por Peter Carroll acerca da Magia do Caos: use o que funcione. Embora o pragmatismo não seja dogmático na CMT, certamente é uma abordagem relevante. Mas, conforme é dito no parágrafo acima, uma teoria não é escolhida apenas porque ela funciona. Pode haver muitas outras razões envolvidas: tradição, cultura, política, economia, estética, ética, etc.

As pessoas frequentemente se impressionam quando os cientistas cometem erros. Isso porque o método científico não é perfeito. Ele é útil, mas não é a verdade. Isso porque a verdade não é o objetivo da ciência e sim a aplicação prática de teorias para que na vida se obtenha coisas como conforto, praticidade e qualidade de vida.

## Teoria Caoísta

Caso deseje estudar o que possa ser a verdade, se ela existe, se é possível atingi-la, áreas de estudo mais desejáveis seriam a filosofia e a teologia. Não que elas possuam conceitos definitivos e fixos a respeito disso, mas simplesmente porque se ocupam dessas questões. Buscar a verdade na ciência é como procurar laranjas numa macieira.

Tanto a filosofia quanto a teologia passam por constantes transformações. Há ênfase no estudo de história da filosofia e história da teologia nessas duas áreas. Quem estuda filosofia se preocupa em aprender o que disseram caras que viveram há centenas ou milhares de anos. O mesmo se dá em relação à teologia, que considera que aquilo que disseram teólogos que viveram há centenas de anos ainda pode ser válido.

Essa é uma grande falha da ciência: a maioria não se preocupa em estudar o que disseram os cientistas que viveram, por exemplo, quinhentos anos antes de Cristo. Existe a noção incorreta na ciência de que o conhecimento apenas avança, numa espécie de escada, e que uma nova teoria é melhor que a anterior, substituindo uma que passa a ser considerada totalmente errada.

Esse tipo de arrogância é extremamente ruim para o desenvolvimento da ciência. Nós estudamos as atuais teorias científicas como se fossem verdades estabelecidas. Como se elas tivessem caído do céu. Não aprendemos em que contexto elas surgiram. No máximo, estudamos algumas teorias que foram ditas há algumas décadas. Teorias de alguns séculos atrás são vistas de forma totalmente superficial em muitas áreas.

Isso faz com que não tenhamos pensamento crítico. Assim desprezamos o passado. E passamos a adotar uma ideia ingênua acerca do conceito de evolução ou progresso, como se fosse uma caminhada somente para frente. Como se nunca fosse preciso retroceder no meio do caminho. Como se não houvesse uma Noite Escura ou abismo no meio da jornada, que nos torna mais prudentes e maduros.

A própria palavra “evolução” na biologia não significa um avanço em relação ao que existia no passado. O ser humano não é “mais evoluído” que outros animais. Cada um pode ser mais adaptado que outro em relação ao ambiente em que vive. O próprio Darwin admite que o termo “evolução” não é o mais adequado, mas que foi adotado mesmo assim e deu exemplos de vários outros termos inadequados que são usados até hoje. É preciso entender a definição e não se prender ao que a palavra nos parece significar.

Isso também passa a ser um problema quando se fala de “evolução espiritual”. Achamos que os seres humanos estão se tornando a cada dia melhores, mais sábios, mais desenvolvidos.

No entanto, não há nada que indique que as coisas sejam dessa forma. Não estou dizendo que as coisas certamente não se passem dessa maneira, mas é preciso questionar aquilo que adotamos como verdade sem sequer refletir sobre isso.

Quando se fala em “progresso” da ciência é preciso ter muito cuidado. No máximo, progresso significa sermos cada vez mais capazes de enxergar os erros que cometemos no passado para não repeti-

## Teoria Caoísta

los. E quanto mais estudamos, mais temos consciência do quanto a humanidade já errou, já caiu em buracos e armadilhas que ela mesma construiu e que cai até hoje. Mas também é preciso lembrar dos acertos.

Afirmar que a sociedade ocidental está mais “evoluída” do uma comunidade “primitiva” indígena ou tribal é o cúmulo da vaidade. Em muitas aspectos estamos piores. Depende daquilo que se analisa. Os povos caçadores-coletores certamente possuíam uma alimentação muito mais saudável.

Não desprezo os avanços do mundo contemporâneo. Não defendo o bom selvagem de Rousseau. Apenas acho que não podemos ser cegos.

Vejamos essa passagem do livro “Religião e Ciência” de Bertrand Russell:

*"Pode-se duvidar se o mundo avança sempre em perfeição ou se avança e recua por períodos (...) Pode-se pois questionar se todas as criaturas avançam sempre, ao menos no final de seus períodos, ou se existem também aquelas que realizam períodos no final dos quais percebem não ter ganho e nem perdido; da mesma forma que existem linhas que avançam sempre, como a reta, outras que voltam sem avançar ou recuar, como a circular, outras que voltam e avançam ao mesmo tempo, como a espiral, outras, finalmente, que recuam depois de terem avançado, ou avançam depois de terem recuado, como as ovas"*

Não se pode confiar plenamente nem na razão e nem na experiência. Há quem diga que apenas a lógica e a matemática podem ser confiáveis. No entanto, vejamos o que falou Russell sobre isso em seu livro “Introdução à Filosofia Matemática”:

*"Pensamos, naturalmente, que a classe dos pares (por exemplo) seja algo diferente do número 2. Mas não há dúvida alguma quanto à classe dos pares: é indubitável e não é difícil de definir, enquanto o número 2, em qualquer outro sentido, é uma entidade metafísica de cuja existência nunca podemos estar seguros e cuja pista nunca podemos estar seguros de ter perseguido. É, portanto, mais prudente nos contentarmos com a classe dos pares, da qual estamos seguros, do que tentarmos caçar um problemático número 2 que se mostrará sempre esquivo"*

É muito estranho alguém afirmar que os números existam de fato, como entes metafísicos ou espíritos. Ainda assim, é uma teoria instigante.

Escreveu Ian Stewart em seu livro "Uma História da Simetria na Matemática":

*"As provas não podem se apoiar no ar e não podem retroceder aos antecedentes lógicos para sempre. Elas precisam começar em algum lugar, e o ponto em que começam será por definição coisas que não foram - nem sempre - provadas. Hoje chamamos essas suposições iniciais não comprovadas de axiomas. Para um jogo matemático, os axiomas são as regras do jogo"*

*"Qualquer pessoa que tiver objeções relativas aos axiomas pode mudá-los, se quiser, mas o resultado será um jogo diferente. Os matemáticos não afirmam que um enunciado é a verdade: eles dizem que, se considerarmos inúmeras suposições, a consequência lógica delas será o enunciado em questão. Isso não quer dizer que o axioma não possa ser contestado. Os matemáticos podem debater se um dado sistema axiomático é melhor que outro para algum propósito, ou se o sistema tem algum mérito ou interesse intrínsecos. Mas essas disputas não dizem respeito à lógica interna de qualquer jogo axiomático"*

## Teoria Caoísta

*específico. Elas se referem aos jogos que valem mais a pena, são mais interessantes ou divertidos"*

Eu sempre desconfio de quem recorre exclusivamente à ciência, à lógica ou à matemática para provar seu ponto de vista, como se estas fossem entidades que se encontram mais perto da “verdade” do que outras áreas do conhecimento.

Pode ser um tipo de fetiche de querer basear nossa argumentação em algo difícil de entender. Assim, ganhamos a discussão porque a outra pessoa não entendeu o argumento e se nega a admitir a própria ignorância.

Contudo, como se pode ver dos exemplos anteriormente citados, os próprios cientistas, filósofos e matemáticos admitem que existem falhas em todos esses métodos. Nenhum pode ser plenamente confiável. É precipitado apoiar-se neles como única fonte de verificação.

Novamente, sempre vou achar curioso ver pessoas que “acreditam” plenamente na ciência e na matemática e tomam coisas como religião e espiritualidade como mera superstição.

Esse preconceito está tão arraigado que esta é a definição de “superstição” no dicionário Cambridge:

*“Crença que não é baseada na razão humana ou conhecimento científico, mas é conectada com velhas ideias sobre magia, etc”.*

Na minha concepção, superstição é aquilo em que se acredita sem se investigar a fundo os motivos de aquele conhecimento ou tradição ter sido estabelecido. Outros dizem que superstição é aquilo que não pode ser demonstrado nem pela razão e nem

pela experiência, o que seria mais próximo dessa definição do dicionário.

Caso adotemos essas definições, descobriremos que também é possível ser supersticioso em relação à ciência ou à matemática.

Vou dar um exemplo: você acredita que dois mais dois são quatro. É claro, você pode ler o livro 1984 de George Orwell e descobrir situações peculiares em que dois mais dois são cinco, ou qualquer outro número. Mas se eu fosse falar disso iríamos mudar de assunto, então deixemos assim por enquanto.

Você pode me mostrar duas duplas de maçãs e, juntando-as, provar que elas somam quatro. Ou pode dar alguma explicação matemática com base em certos axiomas.

No entanto, o que é quatro? Uma entidade metafísica? Um conceito inventado? Bem, se você mudar o sistema axiomático com o qual se baseou para afirmar isso, descobrirá que dois mais dois não somarão mais quatro.

Diz Russell:

*"Deve ter sido necessário muitos séculos para a descoberta de que um casal de faisões e um par de dias constituíam, ambos, exemplos do número 2: o grau de abstração exigido está longe de ser fácil. E a descoberta de que 1 é um número deve ter sido difícil. Quanto ao 0, constitui uma adição bastante recente: os gregos e romanos não dispunham de tal dígito"*

Então isso significa que para civilizações que são incapazes de contar até quatro, as quatro maçãs não existem? Bem, as maçãs talvez existam, mas não as quatro maçãs. O que eles enxergam é algo como “um punhado de maçãs”.

## Teoria Caoísta

Caso eu retire seu sistema axiomático, sua teoria de que dois mais dois são quatro cai por terra. E caso eu te coloque numa civilização que não sabe contar até quatro, sua prova empírica também desmorona.

Se você nunca tinha pensado sobre isso, de alguma forma até hoje você simplesmente “acreditou” que dois mais dois eram quatro. Desculpe, mas isso não é uma verdade absoluta. Esse foi um resultado a que chegamos a partir de um jogo matemático específico. E esse jogo só pode ser jogado dentro de certas regras. Teorias científicas só podem ser corroboradas quando tais regras são usadas. A estatística depende disso.

Quem não conhece as regras da matemática e da ciência, apenas “acredita” naquilo tudo, simplesmente porque uma autoridade falou que as coisas eram dessa forma.

Alguns dizem que filosofia não serve para nada e que o que importa não é saber se “dois” é uma entidade metafísica real ou imaginária. Eu só preciso saber como aplicar a matemática para construir um prédio. Não preciso pensar sobre ela.

Porém, esse é um grande erro. Pensar que apenas a prática importa e que a teoria é um lixo descartável é um dos grandes “pecados” do nosso tempo. Eu diria que a pessoa está pecando contra o conhecimento. Se não deseja ter pensamento crítico e prefere somente crer que dois mais dois são quatro por tradição, ou porque as coisas sempre foram dessa forma, você não está se portando de forma melhor do que quem acredita em Deus porque disseram que Deus deve existir e sempre foi assim.

Não estou dizendo que a crença em Deus é um pensamento supersticioso (lembrei das cenas finais do filme “Sangue Negro” ao escrever isso). Pelo contrário. Quando se estuda teologia a fundo, descobre-se mais sobre a metafísica do divino, suas implicações morais e tantas outras. Passa-se, portanto, a um conhecimento mais aprofundado do objetivo da religião e de Deus.

Dessa forma, a meu ver, a crença em Deus deixa de ser uma superstição. Você ainda pode argumentar que nunca deixa de ser uma crença, pois não é possível provar que Deus existe.

Agora eu pergunto: o que você quer dizer com “provar”? Significa adotar o pensamento positivista de que tudo que não pode ser provado pelo método científico não tem validade alguma?

A prova científica é somente uma das provas dentre tantas outras. Eu também não tenho nenhum motivo para acreditar que o método científico esteja plenamente certo. Na verdade, ele apresenta falhas o tempo todo. Esse é mais um motivo para duvidar.

Não defendo que se deve duvidar de toda e qualquer afirmação definida pelo método científico. No entanto, é necessário averiguar se certa pesquisa foi feita de forma correta, ou seja, dentro do paradigma estabelecido. São tantos os erros possíveis de se cometer no meio do caminho que é preciso ficar alerta. Especialmente quando se aplica o método da indução, sobre o qual Popper nos alertou.

O método científico não é perfeito, mas podemos confiar nele, acreditar nele. Ele é bom o bastante para produzir conhecimento científico válido. Ou seja,

## Teoria Caoísta

dentro deste paradigma, podemos usá-lo com sucesso.

Algo semelhante ocorre na religião. Nenhuma religião é perfeita. Mas podemos confiar nelas o bastante para atingir o objetivo a que elas se propõem, como tornar-se uma pessoa mais ética, ter paz e alegria.

Antes mencionei a definição de Schleiermacher, de que religião é sentimento e intuição do universo. Portanto, para alguns ela não é ética e nem metafísica. A religião teria objetivos espirituais, ou seja, que não são desse mundo. No máximo, ela se expressa aqui na forma de um êxtase que para muitos é mais poderoso que o prazer dos sentidos ou prazer intelectual. É um tipo de sentimento de unidade com o mundo, com o universo. É disso que falamos quando falamos de religião e espiritualidade.

Os objetivos da ciência, dentre outros, também podem ser trazer mais alegria e paz para os seres humanos, mas por meios materiais. Em alguns momentos, ciência e religião se cruzam, mas não se encontram completamente e deve-se manter uma “separação respeitosa”.

A seguir, falarei do que se encontra além da superstição, em termos espirituais. A própria magia se encontra no meio disso tudo, numa fronteira deliciosa entre o espírito e a matéria.

## Capítulo 2: A Coroa do Rei

19 de maio de 2016, 15:40

Diz Wittgenstein em seu livro “Investigações Filosóficas”:

*“Certamente a matemática é, em certo sentido, uma doutrina – mas também um fazer. E só pode haver “falsos lances” como exceção. Pois se o que agora chamamos assim se tornasse a regra, o jogo no qual esses são lances falsos seria suprimido”*

Você só pode aceitar uma sentença como verdadeira dentro de um paradigma específico. Um mais um só é igual a dois dentro de um sistema axiomático bem determinado, que estabeleceu o que o símbolo do “um” e seu valor significam, assim como as operações que foram estabelecidas que é possível fazer com eles.

Mas não é somente porque é possível somar dois números que eu irei fazê-lo. Eu posso matar uma pessoa, mas não irei fazer isso apenas porque eu posso (esse exemplo não foi nem um pouco extremo, é claro. Eu me pergunto o que faríamos num sistema em que somar dois números pudesse acarretar em pena de morte).

Veja bem: eu posso afirmar que comer certos vegetais é saudável por tais motivos. No entanto, isso só faz sentido ou é razoável se chegarmos num acordo que saúde é uma coisa desejável. Nem todos concordam com isso. Ou alguns daqueles que concordam podem ter outras prioridades além da

saúde. Eu diria que isso frequentemente acontece. Por exemplo: o sabor dos alimentos, um vício por um tipo de comida, falta de tempo, falta de dinheiro e muitos outros motivos podem ser mais importantes para alguém do que saúde.

Se eu penetro no interior desse paradigma, a sentença de que tais vegetais são saudáveis teria pouca ou nenhuma relevância para mim. A própria frase: “É bom comer vegetais” se tornaria falsa. Esta sentença não é, de modo algum, uma verdade absoluta.

Mas voltemos a Wittgenstein e aos números. Esse também é um pensamento interessante:

*“O que significaria isto: ‘Mesmo que todos os homens acreditassem que  $2 \times 2$  fosse 5, seria realmente 4’ – Como seria, então, se todos os homens acreditassem nisso? – Ora, eu poderia me representar, por exemplo, que eles tivessem um outro cálculo, ou uma técnica, que não chamaríamos de ‘calcular’. Mas isso seria falso? (A coroação de um rei é falsa? Ela poderia parecer, para seres diferentes de nós, altamente estranha)”*.

Eu poderia elaborar uma série de axiomas para que certo cálculo desse o resultado que desejo. Eu poderia chamar essa técnica de “cálculo” caso isso me fosse adequado. Ou, para não criar confusão, daria outro nome a ela.

Mas por que eu faria isso? Eu poderia obter alguma facilidade. Um exemplo disso é o sistema duodecimal. É muito mais fácil fazer cálculos usando um sistema com base doze em vez de base dez. Pelo menos a tabuada seria muito facilitada, já que o doze é divisível por mais números do que o dez. Nós usamos base dez simplesmente por tradição. Pelo

simples fato de que temos dez dedos (para quem quer saber mais sobre isso, sugiro o livro “Alex no País dos Números” de Alex Bellos).

Claro que se alguém quisesse mudar todo o sistema numérico para facilitar a nossa vida, teríamos uma série de vantagens e desvantagens. Mas nós não precisamos realizar uma mudança como essa apenas por fins pragmáticos.

Você pode mudar um sistema não só porque ele se torna mais prático. Também pode ser por razões estéticas: “assim ficará mais belo”, por motivos lúdicos: “será bem mais divertido dessa forma” ou éticos: “essa nova forma de fazer as coisas trará mais harmonia entre as pessoas”.

Alguns dizem que a matemática é uma linguagem universal. Isso significa que alienígenas poderiam nos contatar usando números primos, como em “Contato”? Não sei. Confesso que sou um pouco cética em relação a isso. É como se a matemática existisse metafisicamente, esperando para ser “descoberta”. Mas isso significaria que a matemática existe de fato e não que ela foi inventada.

Na natureza nós não encontramos triângulos e círculos perfeitos. Nós inventamos uma geometria que se adequasse ao pensamento humano. Mas aí volta a velha questão do embate do racionalismo versus empirismo. O que deve ter maior peso: a razão humana ou a observação empírica? O que eu vejo lá fora é a realidade ou o que eu penso é mais confiável?

Por isso temos a Teoria do Caos na matemática (e na física, na biologia, dentre muitas outras áreas) para

## Teoria Caóista

preencher as lacunas que essas “teorias da perfeição” não alcançam.

Isso não significa que tais teorias são inúteis. Repito: cada teoria pode ser válida para objetivos diferentes. Não precisamos substituir um paradigma por outro “melhor”. Eles podem se aliar.

20 de maio de 2016, 00:36

Terminei de ler a primeira parte de “Franny e Zooey” de Salinger. Não esperava que ficaria tão profundo. Todas aquelas conversas sobre religiões: cristianismo, budismo, etc.

Repita uma frase ou palavra constantemente, com todo seu coração nela, e alguma coisa acontece.

Não. Não basta ser com o coração. Deve ser feito com o espírito. Percebe a diferença?

(23:50)

Agora que finalizei a leitura, irei colocar alguns trechos interessantes:

*“Assim que sairmos da capela, espero que você aceite de mim um pequeno volume que eu sempre admirei. Acredito que ele toca alguns pontos legais que discutimos essa manhã. ‘Deus é meu hobby’ do Dr. Homer Vincent Claude Pierson, Jr. Nesse pequeno livro, acho que você vai descobrir, Dr. Pierson nos conta claramente como, quando ele tinha vinte e um anos, ele começou a separar um pouco de tempo a cada dia – dois minutos pela manhã e dois minutos à noite, se eu me lembro corretamente – e no fim do primeiro ano, apenas por essas*

*pequenas visitas informais a Deus, ele aumentou sua renda anual setenta e quatro por cento”.*

Acredito que se eu comentasse esse trecho ele perderia sua elegância inata, então passemos ao próximo:

*“Por uma questão de lógica simples, não há diferença, que eu possa ver, entre o homem que é ganancioso pelo tesouro material – ou até pelo tesouro intelectual – e o homem que é ganancioso pelo tesouro espiritual. Como você diz, tesouro é tesouro, caramba, e me parece que noventa por cento de todos os santos odiadores do mundo na história eram tão gananciosos e desinteressantes quanto o resto de nós”.*

Bang! Outro trecho mortífero que não precisa de explicações. Será que eu devo dá-las e estragar a diversão?

Sinto que é sempre perigosa essa mania de posicionar todas as coisas numa hierarquia. Por outro lado, precisamos estabelecer prioridades, ou não daríamos um passo. Dormir e acordar são equivalentes? Então tanto faz o que faço?

Há momentos, em determinados contextos, que é preciso colocar uma ação – ou pensamento – acima de outros. Não significa que tal ação seja superior, de forma absoluta. Creio ser apenas isso que precisamos cuidar.

Existe espaço para a vida material, intelectual e espiritual para todos. A questão é saber o que deve ser enfatizado em cada momento e lugar. Isso acontece na vida de todos, desde o mais materialista até o mais espiritualizado.

É claro que isso também vale para teoria e prática. Maria pode ser mais teórica e João ser mais prático. Porém, na vida de Maria haverá momentos em que

## Teoria Caoísta

ela será mais teórica e em outros mais prática, porque isso é necessário. O mesmo ocorre com João. Frequentemente, não é possível distinguir o que predomina a cada instante, já que uma teoria já é colocada em ação no momento em que é bolada e compartilhada, e uma ação pressupõe algum exercício do pensamento. Vejamos exemplos.

Após ler esse livro, mesmo que inconscientemente, você colocará alguns trechos dele em ação (ou fará exatamente o contrário do que sugiro, para se rebelar). Nem que seja um sentimento despertado que te faça escolher comer uma alface em vez de uma cenoura. De modo análogo, um magista que faz um ritual sem ter estudado nada de teoria já está tendo sua mente transformada por alguma teoria inconsciente que lá se instalou, fruto do ritual. Quem lê livros de magia e não realiza rituais “clássicos”, à moda antiga, certamente aplica no dia a dia alguns conceitos que aprendeu.

Sendo assim, poderia ser dito que teoria e prática são, de certa forma, indissociáveis. Nós os dividimos principalmente para fins de sistematização, assim como fazemos com o resto dos termos da linguagem. Se você ler aquele livrinho do Wittgenstein que mencionei antes, vai entender melhor do que estou falando.

Refletir sobre as problemáticas suscitadas pela linguagem pode ser tão difícil quanto filosofar sobre a teoria dos números. De modo similar, a gramática é a base do Trivium e a aritmética a base do Quadrivium. Na verdade, o Trivium é a base do Quadrivium, então poderia ser tido que tudo começa na gramática. Elaborei essa reflexão no meu livro “A

Era do Folhetim”, então não pretendo alongar esse assunto aqui.

De qualquer forma, quando falo de teoria eu falo de fundamentos. E a base de uma linguagem está nos símbolos. Por exemplo, os caracteres de uma língua, a notação matemática. Quem deseja estabelecer uma boa prática, deve preocupar-se com os fundamentos da prática: o chão sobre o qual se ergue o palácio do empirismo, que é exatamente a teoria, tão desprezada hoje em dia.

Para sermos justos, vivemos um paradoxo. A teoria é valorizada como privilégio de uma elite de pensadores, como no caso do ensino universitário, que seria visto como superior a uma técnica sem a reflexão. Por outro lado, dentro do âmbito do pensamento é dado mais valor àquele pensar que possibilita uma aplicação o mais direta possível.

Como já contei, eu estava lendo a autobiografia de Heisenberg, que chegou às minhas mãos completamente por acaso. A tradução do título era “A Parte e o Todo”. Curioso que Heisenberg estava em dúvida entre ser músico e ser físico. Ele refletiu que no passado a música era mais valorizada (creio que ele mencionou o século XVIII), mas no período em que ele estava vivendo havia uma grande agitação na física devido às recentes descobertas de Einstein e outros físicos de sua época, então ele deveria ser físico.

Uma pergunta interessante foi colocada a ele: será que se deve escolher o caminho que está mais em voga no tempo em que vivemos? Será que não é exatamente quando certa área do conhecimento está em baixa que não deveríamos procurar por ela, pela

causa nobre de tentar levantá-la do túmulo? Embora eu não defenda que todos vivam por causas nobres e muito menos que chamemos as causas de “nobres”.

De certa forma, seria quase como seguir a onda: a onda está melhor nessa praia, então vou pegar minha prancha e ir lá. Mas não são exatamente nas áreas abandonadas que residem as grandes descobertas? Estão todos olhando para a onda, porque ela está belíssima. Mas se todos só olham para o mesmo lugar, todos terão o mesmo ponto de vista, o que resultará em menos ideias criativas.

Mas se você vai atrás daquele canto que todos esqueceram, quem sabe ali resida a grande sacada.

Ou, como disse Haruki Murakami no livro “Norwegian Wood”: “Se você apenas lê os livros que todo mundo está lendo, você só pode pensar o que todo mundo está pensando”.

Por isso insisto na importância do estudo da história. Estão todos olhando para as descobertas da nossa época, como se elas brotassem do chão. Que tal saber de onde veio aquela ideia? E quais eram os outros pontos de vista sobre aquilo no passado? Se uma ideia específica foi completamente descartada, por que isso aconteceu? Será que não havia mesmo nada de bom nela?

Nós temos a mania de achar que se algo possui algumas falhas ou pontos negativos deve ser desprezado. Quem sabe é por isso que muitos abandonaram as religiões organizadas: os pontos negativos são óbvios. Mas é preciso uma perspicácia e reflexão adicional para descobrir a flór-de-lótus escondida no meio da lama.

Felizmente, o contrário também é verdadeiro: não há valor apenas nas religiões organizadas. Também é belíssimo desenvolver a própria espiritualidade e despertar sua essência criativa não apenas na matéria e na mente, mas também no espírito.

Eu insisto: uma coisa não exclui a outra. Você pode ter uma religião e ser um magista. Ou pode estudar diferentes religiões enquanto é um caoísta, não sendo preciso cuspir em tudo que foi feito antes, por querermos fazer apenas as coisas de nosso jeito e não se importar com o que os outros idiotas falaram.

Besteira isso. Os seres humanos possuem muitas coisas em comum e em diferentes momentos da vida enfrentamos dilemas semelhantes. Na vida espiritual nós nos deparamos com barreiras. Quando falamos com outras pessoas que trabalham bastante a espiritualidade, descobriremos que elas já passaram por problemas parecidos e podem nos dar dicas preciosas.

Por outro lado, como somos indivíduos únicos, essa dica pode servir ou não. É preciso saber discernir, o que é algo que se aprende com o tempo, mas que nunca se domina completamente.

Voltemos à reflexão sobre saber e técnica. Vivemos, é verdade, em tempos contraditórios. Creio que uma pessoa de qualquer tempo deva considerar sua própria época contraditória, já que a contradição faz parte da existência humana. Mesmo assim, a particularidade da contradição com a qual vivemos atualmente é valorizar e simultaneamente desprezar tanto a teoria quanto a prática.

Digamos, na Antiguidade Clássica o saber era visto como altíssimo, já que a técnica era geralmente

executada por escravos ou por aqueles que não eram cidadãos plenos. Até mesmo certos tipos de arte também eram vistos como mera técnica. Por isso, por muito tempo muitos artistas que faziam belíssimas obras de arquitetura ou cerâmica, por exemplo, permaneceram anônimos. Como ainda acontece hoje com nossos pedreiros e pessoas das mais diferentes profissões. Atualmente ainda bem que damos o crédito bem merecido ao arquiteto. Espero que chegue o dia em que os pedreiros também tenham seus nomes lembrados como aqueles que realizaram parte da arte da construção.

Eu deveria recordar que esse debate é quente até mesmo na arte contemporânea. Existem artistas hoje em dia que apenas elaboram o projeto de arte (uma instalação, por exemplo) e contratam pessoas para fazer a parte prática. O crédito geralmente vai para quem pensou a obra. Quem elaborou é tido como o “artesão”, usado aqui como termo pejorativo.

Engraçado que antigamente os médicos eram desvalorizados. Ou melhor: os médicos dos velhos tempos só estudavam a teoria e mandavam que outros executassem. Por isso, o médico não tocava nos corpos para estudar anatomia. Aliás, era proibida a dissecação de corpos humanos. Quem realizava as cirurgias costumava ser os chamados “barbeiros-cirurgiões”, que era quem fazia a parte “suja” de cortar, suturar, etc. Essa pessoa tinha nenhum ou pouquíssimo estudo. Só com o tempo que foi se aumentando o estudo mínimo necessário para ser um barbeiro-cirurgião. Até que essa profissão fosse eliminada e os médicos aceitassem sujar as mãos.

Um dos livros mais interessantes que li sobre esse assunto e que recomendo a quem se interessar é o “Vignettes on Surgery, History and Humanities” por Luis H. Toledo-Pereyra.

Esses são apenas alguns exemplos de como a teoria era considerada suprema no passado. Isso ocorreu não somente na Antiguidade Clássica, mas também ao longo da Idade Média, especialmente pela influência religiosa. O objetivo desse período não era o avanço científico para que se tivesse mais conforto e qualidade de vida. Ao contrário, convivía-se com a morte diariamente e as dificuldades do dia a dia eram consideradas necessárias para que se tivesse uma maior compreensão da vida e assim se compreendesse a grandiosidade de Deus.

Não por acaso, um dos argumentos mais populares atualmente contra a existência de Deus é: “Se Deus existe, por que ele permite o mal?”. É compreensível que essa pergunta seja tão feita na época contemporânea, sendo que outros argumentos contra a existência de Deus eram muito mais populares em outros tempos.

Afinal, quando se tem a noção de que prazer é bom e dor é ruim, e que isso é tudo que temos que saber sobre a existência, de certa forma nos portamos como crianças: queremos apenas dinheiro, conforto e vida longa e fugimos o tempo todo de qualquer desconforto simplesmente porque desaprendemos a lidar com a dor, com a doença e com a morte.

A Idade Média europeia, atolada pela peste e pela guerra, não era uma época maravilhosa. No entanto, possuía-se uma visão muito especial e profunda da existência. Certamente a visão contemporânea

também é complexa e interessante. O meu ponto é que todas as visões possuem seu valor e nenhuma deve ser desprezada. Elas podem ser complementadas.

Para quem quer saber mais, recomendo a leitura de “O Outono da Idade Média” de Johan Huizinga. Eu estou tentando resistir à tentação de não colocar a recomendação de um livro a cada parágrafo que escrevo. É por isso que os escritores fazem coisas como bibliografia e notas de rodapé. Dá tanto trabalho preparar isso que eu ainda não aderi à moda, por mera preguiça.

Se quer saber mais sobre a preguiça, leia... não, não. Ainda não.

Mas já que falei de livros, vale a pena lembrar uma passagem de “The Metalogicon” de John of Salisbury que trata exatamente da nossa questão:

*"A todas as coisas falta algo quando isoladas, e são perfeitas quando unidas, já que elas apoiam uma a outra"*

Nem a teoria e nem a prática se sustentam sozinhas. Nem a razão e nem o empirismo. Mas unidos ganham uma força inimaginável. O passado e o presente também se complementam.

Reconheço a valorização de áreas específicas em contextos determinados. No entanto, aplicar uma situação particular ao universal pode resultar numa tentativa deficiente de utilizar o método da indução.

O raciocínio falho é o seguinte: vamos supor que alguém diga “até agora só vi situações em que a prática é superior à teoria” ou “na maior parte das situações que vi, a prática é superior à teoria”. Disso se conclui que “em todas as situações, a prática é superior à teoria”.

Claro, é impossível para o indivíduo vivenciar todas as situações possíveis. Se ele fosse esperar fazer isso, jamais realizaria nenhum exercício do pensamento. Embora nem todo pensamento exija a indução.

Nós também podemos deduzir alguma coisa: a partir de uma regra geral, nós concluímos algo sobre uma situação específica. Essa técnica é tida como mais segura.

Contudo, como será que foi construída essa regra geral a partir da qual foi feita a dedução? Seria pelo método da indução? Nesse caso, seria ainda menos confiável e andariamos em círculos.

Seja como for, nós estamos presos ao período em que vivemos e às circunstâncias em que nos encontramos. Eu, Wanju, 28 anos, brasileira, gaúcha, mulher, classe média, parda, heterossexual, etc terei uma visão bem específica das coisas e por mais que tente ler livros para me informar, não tem jeito: eu interpreto as coisas do meu paradigma, ou do pequeno conjunto de paradigmas que sou capaz de adotar ou criar. Por mais que eu me esforce, não consigo fugir muito disso.

Por essa razão, quaisquer reflexões ou conclusões que eu realizar aqui serão limitadas. Por isso, as reflexões de apenas uma pessoa isolada não possuem tanto valor quanto o pensamento conjunto da humanidade, de todos os tempos.

Por mais perspicaz que eu tente ser em certas observações, há um momento em que não consigo mais caminhar, não consigo ver. E o pior é quando não sou nem mesmo capaz de perceber que minha visão ficou borrada e eu caí num beco sem saída.

## Teoria Caoísta

Isso, naturalmente, acontece o tempo todo. Eu apenas tive que aprender a não ficar tão aborrecida e frustrada quando cometo erros. Entendi que há algum valor no que penso e isso merece ser compartilhado. Não precisa estar perfeito e nem próximo disso.

Eis o inestimável valor que eu vejo na Magia do Caos: ela permite um exercício muito importante de pensamento. Algo que sempre foi necessário: respeitar diferentes pontos de vista. Experimentar novas formas de pensar e fazer as coisas o tempo todo.

O problema é que aqui o caoísta cai num paradoxo e passa a ficar brabo com aqueles que acham que somente um jeito de pensar está certo. Nesse momento, é preciso ter muito cuidado. Essa é uma área extremamente delicada.

Muitos caoístas são contra, por exemplo, ter uma religião que clama que somente o que está escrito naquele livro sagrado e dito por sua tradição está certo. Todo o resto estaria errado.

A lógica pode nos ajudar nisso. São Tomás de Aquino tem aquela velha boa resposta para a questão do relativismo: quem afirma "Todas as verdades são relativas" estaria considerando sua própria afirmação como relativa, o que faz com que a observação se torne falsa. E se a declaração fosse absoluta, teria sido achada uma exceção à regra, o que também invalidaria a observação.

Muito inteligente, São Tomás. Porém, alguns acham que uma prova como essa, baseada num argumento racional, é suficiente para validar

completamente uma ideia. Isso não é necessariamente verdadeiro.

Lembra do que falamos antes? Tanto a razão quanto a experiência podem ser critérios de verificação. Aliados, eles possuem mais força. Então poderíamos ou utilizar um raciocínio diferente ou dar algum exemplo prático de uma situação que poderia colocar em questão a validade do argumento anterior.

Algo ainda mais básico: há diferentes tipos de lógica. Tomás de Aquino utilizava a lógica de seu tempo, que é chamada hoje de lógica clássica. Hoje em dia há muitos sistemas diferentes. Há até mesmo tipos de lógica baseadas na teoria quântica. Já que falamos de Heisenberg, lembremos do Princípio da Incerteza, que não teve impacto somente na física.

Por exemplo, o indeterminismo se refere a acontecimentos sem causa ou a causas que não seguem uma lógica linear. David Hume, muito antes disso, já questionava a questão da causalção: será que existe mesmo causa e efeito ou isso é produto do hábito?

Vemos o Sol brilhar e a pedra aquecida e inferimos que a pedra aqueceu por causa do Sol, mas por mais que os experimentos demonstrem isso, não se pode ter certeza. Essa conclusão foi um salto lógico.

No fundo, se as coisas possuem causas, não é uma única causa, e falamos apenas em “causa” de algo como uma simplificação grosseira. Kant considera como um escândalo o fato de até hoje não termos conseguido provar que o mundo existe de fato: que não é uma mera ilusão. Se nem disso sabemos, de onde tiramos essa certeza de que existem causas?

## Teoria Caoísta

Porém, sem causa e efeito como conduziremos a ciência? E como a magia pode ser feita quando não há causação? Talvez precisássemos criar um novo tipo de ciência ou substituir o método científico por outra coisa. No caso da magia, em vez de mexer na causa para obter certo efeito, usaríamos um raciocínio completamente diferente.

Poderíamos montar um paradigma em que todas as coisas estão completamente isoladas, não se relacionam, como os mundos possíveis de David Lewis. Eles estariam localizados em outros planos de existência que não podem exercer interferência uns nos outros.

Percebe quantas possibilidades alcançaríamos ao alterar essa forma de ver as coisas? É claro, também perderíamos muitas coisas e no começo seria uma merda esquisita. Mas depois, extrairíamos algumas vantagens que o sistema anterior não permitia.

Num paradigma em que não sabemos se existe de fato o mundo material, se não sabemos se nós existimos, se causa existe, se há ética ou qualquer coisa parecida (será que algo existe?), o que sobra?

“Deus!” clama Berleley. “Deus!” clama Descartes. E assim clamam provavelmente quase todos os pensadores da história. Com exceção de alguns filósofos contemporâneos que andam meio saidinhos. Até mesmo o bom Voltaire não desistiu de seu deísmo.

A filosofia concorda que tanto a existência como a inexistência de Deus são ambas alternativas possíveis. Inclinar-se para um lado ou para outro é algo que se encontra além do escopo da lógica.

Vá lá, dê seu melhor argumento. Não é o bastante. Quem quiser acreditar, acreditará. E quem não quiser, não acreditará. Isso porque também é algo que mexe com as emoções e com o espírito.

Nesse momento, a filosofia falha. Ela não é o bastante. Segue os limites impostos pela lógica. É o instante em que devemos saltar para outras áreas do conhecimento. E não falo apenas da ciência.

Falo de arte, mas também falo de religiões e espiritualidade.

Você vai continuar usando a filosofia e a ciência quando necessário. Elas são confiáveis. Mas não se limite a elas, ou sua visão de mundo se tornará pequena como a cabeça de um alfinete. Da mesma forma, quem acreditar apenas em experiências religiosas e deixar toda a razão de lado, também irá sucumbir.

Essa é uma citação frequente da Magia do Caos: “Nada é verdadeiro. Tudo é permitido”. Muitos que desejam criticar o caoísmo gostam de atacar esse dizer. Assim como quem gosta de atacar religiões usa o já tão batido argumento do mal. É por isso que o caoísmo foca na importância da criatividade: pode criticar à vontade, mas por favor, de vez em quando tenha a decência de usar argumentos diferentes. Só para tornar a coisa toda mais divertida e intelectualmente estimulante.

O “nada é verdadeiro” é frequentemente interpretado como “não existe uma verdade” ou “a verdade é relativa”. É claro que os estudantes de lógica vão dizer, indignados: “mas isso não pode ser! Isso não tem base lógica e a lógica é baseada na minha bela matemática, que é uma verdade

universal”. Bem, se nossa conversa começa por aí nós temos um problema.

Se você leu o livro até aqui, já deve ter identificado o problema. Primeiro, nem toda a lógica é baseada na matemática. Segundo, não existe apenas um sistema de lógica universalmente válido. Aliás, mesmo que toda a lógica fosse baseada na matemática, poderíamos lembrar que a matemática, como já foi dito, não é a senhora intocável, imaculada e a dona da verdade. Já discutimos isso antes.

Evidentemente, se fôssemos mexer nos atuais axiomas da matemática, talvez boa parte do que entendemos hoje como ciência desmoronasse. A propósito, boa parte dessas atuais teorias físicas malucas não são corroboradas apenas por experimentos, mas por matemática. Cara, isso ia ser um problema, hã?

Não por acaso, um dos fundadores da Magia do Caos é físico e o outro é teólogo (i.e. Peter Carroll e Ray Sherwin). Acredito que física e teologia gerem uma mistura apaixonante. Em parte, devido a tais exóticas origens, o caoísmo se tornou tão empolgante.

E por que ainda não se “derrubou” toda a matemática atual e se começou tudo do zero, com novos axiomas? Primeiro, porque não é preciso derrubar nada, em área alguma. Uma teoria nova não é “melhor” de forma absoluta e não substitui uma antiga que era “pior”. Cada uma traz vantagens e desvantagens e podem coexistir.

Desculpem se estou sendo repetitiva, mas repetições são necessárias para tratar de assuntos difíceis. Não estou subestimando meu leitor, e sim

muitas vezes realizo as repetições para eu mesma me certificar de que os argumentos estão se entrelaçando de forma ao menos vagamente convincente.

Como duas teorias podem coexistir mesmo se contradizendo? Bem, basta pensar na física de Newton. Na autobiografia do Heisenberg ele vive repetindo que os pensamentos de Newton ainda são válidos até hoje. Não se “derrubou” Newton. As teorias atuais apenas o complementam (ou seja, são notas de rodapé para Newton, poderia ser dito de forma ousada) para situações específicas.

No dia a dia não andamos na velocidade da luz, então Newton ainda é válido. Podemos pensar de forma similar em relação à matemática: o sistema que temos hoje resolve nossos problemas mais urgentes. Construímos prédios, criamos máquinas cada vez mais potentes. Ou, como alguns dizem, tendo um computador e um celular, foda-se o resto.

Isso, é claro, é um pensamento pragmático. Mas há como fugir do mero pragmatismo. Isso porque ele não é o único sistema válido.

Em parte, não se mudou toda a matemática ainda porque basicamente ninguém tem saco de fazer isso. Ou quem está fazendo não tem interesse nenhum em divulgar o que seria visto como uma bela porcaria, como o sistema duodecimal.

Como já foi dito, é reconhecido que se o sistema duodecimal fosse adotado traria muito mais vantagens e facilidades que o sistema decimal, então por que não mudaram? Porque daria muito trabalho! As coisas já são feitas desse jeito, por tradição, então por que mudar?

## Teoria Caoísta

Isso lhe soa familiar? Ora, mas é claro que essas coisas de se apegar à tradição só existem naquele negócio ultrapassado chamado religião. Como poderia haver isso na nossa maravilhosa ciência contemporânea? A ciência que cura o câncer mas, realizando pesquisas mal feitas, causa ainda mais câncer, recomendando as pessoas a ingerir mais carboidratos e menos gorduras.

Mas essas coisas acontecem, pois somos humanos e incapazes de bolar sistemas que funcionem perfeitamente de forma independente. Um novo sistema gera muitas novas liberdades, mas também muitas limitações. O livro “Os Elementos” de Euclides foi inestimável para a matemática. Mas por causa desse livrinho muita gente acreditou por muito tempo que a geometria só poderia ser euclidiana, o que impediu uma série de avanços. E algo semelhante aconteceu com o tal éter na física. Se tirasse a porra do éter, os cálculos batiam.

Em suma, os exemplos são incontáveis. Não se pode pensar em tudo. Os axiomas matemáticas sobre os quais construímos todo o resto (nossa lógica, nossa física) estão repletos de furos e imperfeições. Como remendar isso?

Alguns sugerem que é apenas nossa linguagem que é imperfeita (nossas notações, nossos símbolos) mas que por trás disso tudo existe a Verdadeira Matemática que é perfeita e tentamos traduzir com nossa linguagem limitada.

Isso me soa muito kantiano. Kant disse que existe o mundo dos fenômenos, que podemos sentir por nossos sentidos físicos. Mas que por trás do mundo

fenomênico há o mundo numênico, que seria a “coisa-em-si”.

Alguns caras, como Berkeley, rejeitam a coisa-em-si. Essa forma de pensar sobre a matemática foi fortemente influenciada pela filosofia platônica, pela religião judaico-cristã. Não existe a formação de uma matemática pura fora dos contextos culturais em que vivemos. Por enquanto não irei iniciar uma discussão polêmica sobre ética envolvendo os tais contextos culturais.

Estou um pouco frustrada, pois eu pretendia escrever um livro de caoísmo e isso está virando um compêndio de filosofia e matemática. Sorte que não estou falando muito da física, porque o Peter Carroll já nos importunou (ou abençoou, como queiram) o suficiente com isso.

Quem lê cada livro do Carroll na sequência logo nota que o número de dimensões de suas teorias aumenta a cada livro. O que nos dá certo deleite.

Agora, retomemos o “nada é verdadeiro” antes que ele permaneça ecoando eternamente no fundo de uma caverna platônica fodida.

Gosto de pensar nessa frase como se nos relembresse da enormidade que o termo “verdade” nos remete. Qual é o tipo de sentimento que temos quando pronunciamos essa palavra? Ela soa quase sagrada.

Alguns podem até insistir: “segundo a lógica clássica, há apenas uma verdade e todo o resto é mentira, é falso”. Mas até assim podemos responder: “há diferentes sistemas e teorias que podem ser construídos para interpretar essa verdade. Há

diferentes linguagens que podem ser construídas para falar dela de diferentes pontos de vista”.

Se só falamos da verdade de um jeito, é como os comentários das fotos das mulheres no Facebook: “Linda!” e não sai disso. Podemos dizer que Deus é magnífico, magnânimo, ó grandioso Senhor, a sua grandeza é mesmo grande, blábláblá”. Deus deve estar entediado com a mesma ladainha de sempre.

“Se Deus existir mesmo” você argumenta. E eu respondo: “E se você existir mesmo”. Você retruca: “Mas eu estou pensando e falando agora. Penso, logo existo”. E eu digo: “Descartes afirmou ser mais fácil duvidar da própria existência do que da existência de Deus”. E você diz: “Cara, esse Descartes descreveu o sistema circulatório todo errado”. E eu argumento: “Mas ele era um gatinho” e ganho a discussão.

Se quer ser criativo, faça como os autores do famoso livro de caoísmo “Liber Malorum” e diga:

*"DEUS está ZANGADO e Ela é NEGRA. Ela também é uma lésbica viciada em drogas, mãe solteira numa cadeira de rodas"*

E aí você me pergunta: “OK... mas o que eu ganho dizendo isso?” Porque na religião original você ganha um visto para o paraíso e quem sabe conquiste cidadania caso se esforce bastante. Mas aqui estamos pensando em termos de pragmatismo.

Que tal pensar em termos de arte? A arte precisa servir para alguma coisa? Não, a arte é livre. Ela não precisa fazer denúncias políticas e sociais para ser considerada arte. Senão ela seria chamada política e sociologia e não arte. Ela é sua própria senhora e tem seus próprios interesses conforme seu humor.

A filosofia tampouco serve à ciência. Os teólogos acham que ela serve à teologia, mas isso você deve discutir com os teólogos e não comigo. No paradigma deles isso pode ser útil. Em outros contextos, podemos analisar com outro olhar.

Quem sabe seja essa moda contemporânea de achar que tudo precisa servir para alguma coisa que muitas vezes fecha nossos olhos para outras possibilidades?

Peço licença para contradizer a mim mesma. Não se trata apenas de uma moda contemporânea. Veja o que nos disse John of Salisbury no século XII:

*"Eu propositalmente incorporei nesse tratado [O Metalogicon] algumas informações concernentes à moral já que estou convencido de que todas as coisas lidas ou escritas são inúteis exceto quando elas têm uma boa influência no modo de vida"*

Bem, independente de ser uma utilidade no plano material, mental ou espiritual não deixa de ser uma utilidade, certo? Contudo, os caoístas acham que algo pode ser válido, até mesmo uma magia, mesmo se ela não servir para nada. Ela não precisa nem mesmo funcionar ou ser engraçada.

Nesse momento devo ressaltar que nem todos os caoístas concordam comigo, então não posso falar por todos, já que os praticantes da Magia do Caos fazem parte de um grupo muito diverso. Ou, como costume dizer, caoístas são os magistas que concordam em discordar.

Por isso você pode me perguntar qual a vantagem de se ter diferentes pontos de vista quando um deles já funciona tão bem. Ou funciona o suficiente, para resolver as coisas mais urgentes.

## Teoria Caóista

Pode ser por capricho, por teimosia, diversão, chatice, filha da putice. Não interessa. Uma intuição, um sentimento, um demônio possuindo. Em geral o mago que mexe com o caos não consegue parar quieto, porque o caos é dinâmico e imprevisível.

Mas os caoístas ainda estão apegados à ordem, então começam a desenhar fractais, em busca da ordem perdida no caos.

Tudo bem. Quem sabe queira também buscar o caos perdido na ordem, como nosso mundo cheio de falhas aparentes, que é perfeito em sua imperfeição. O mundo é perfeito porque a Deusa negra é louca. Porque existe o mal. Porque ele não é perfeito. Porque ele é perfeito e imperfeito ao mesmo tempo. Porque ele é perfeito, nem perfeito nem não perfeito, nem imperfeito nem não imperfeito, etc.

Só para constar, essas interpretações são possíveis na lógica. Aquele velho esqueminha de “Todo homem é mortal, Sócrates é homem, etc”, premissa maior e menor do silogismo, etc, é uma porcariazinha inventada por Aristóteles e que todo mundo ensinou dessa forma depois porque não conseguiram pensar em algo mais criativo. É válido o que ele mostrou, mas há outras possibilidades.

Há quem pense que quando um argumento não cumpre um silogismo regular, ele não pode ser aceito. OK, faça seus quadradinhos, faça sua matemática. Fora daqueles quadradinhos não há um mundo, apenas um cadáver. Mesmo que tenha sido você quem bolou os quadradinhos. A porra do mapa é o território, certo, espertinho? Se meus olhos não me enganam, aquela montanha não é um cone perfeito. Só que eu tenho mais de oito graus de miopia. E esse

## Wanju Duli

Deus aí, de Descartes, Bacon e Leibniz, está rindo e mudando as regras a cada momento.

“Deus não joga dados” Einstein repetiu isso várias vezes.

Se eu coloco uma coroa num rei, isso o torna um rei? Se eu crio um monte de axiomas de matemática e coroo o mundo com eles, a matemática passa a ser uma verdade incontestável ou apenas uma criação simbólica?

Damas e cavalheiros, façam suas apostas. Ou crie novas regras para experimentar um jogo diferente.

## Capítulo 3: O Geômetra de Almas

21 de maio de 2016, 15:38

Comecei a ler “Meio Sol Amarelo” de Chimamanda Ngozi Adichie. Achei esse trecho:

*“Existem duas respostas para as coisas que eles vão lhe ensinar sobre a nossa terra: a resposta verdadeira e a resposta que você dá na escola para passar de ano. Você tem que ler livros e aprender as duas versões. Eu vou lhe dar livros, livros excelentes.” O Patrão interrompeu o que dizia para tomar um gole de chá. ‘Eles vão lhe ensinar que um homem branco chamado Mungo Park descobriu o rio Níger. Isso é besteira. Nosso povo pescava no Níger muito antes que o avô de Mungo Park tivesse nascido. Mas, no seu exame, escreva que foi Mungo Park.’”*

(21:04)

*“Ogbenyealu é um nome muito comum para meninas, e sabe o que quer dizer? Para Que Não Se Case com Homem Pobre”.*

22 de maio de 2016, 01:20

Agora que já analisamos o “Nada é verdadeiro”, vamos ao “Tudo é permitido”. Mas será que tudo é permitido mesmo?

Refletamos sobre o conceito de liberdade no mesmo dicionário anteriormente mencionado:

*“O direito de viver da forma que você quiser sem ser controlado por ninguém”*

Confesso ser esta outra definição que me incomoda. Com todo o respeito pelo esforço dos autores desses dicionários, creio que algumas concepções mereçam revisão.

Viver da forma que se quer e sem nenhum tipo de controle... acredito que nem mesmo ser um ermitão no meio de uma floresta ou no topo de uma montanha nos dê essa condição. Se não somos controlados por seres humanos, o somos por outras forças, seja pela influência de animais, microorganismos, manifestações da natureza, leis da física, forças espirituais, etc.

Caso optemos por nos deter apenas ao controle dos seres humanos sobre outros, lembremos que existe um conceito da ciência política chamado “controle social”. Essa é uma definição importante em muitos setores da sociedade, como na área da saúde. Uma campanha de vacinação e outros tipos de ações tendo em vista a promoção da saúde e prevenção de doenças deve se apoiar no conceito do controle social.

Creio que o termo “controle” carregue consigo uma conotação negativa, mas não é necessariamente assim.

## Teoria Caoísta

Outro termo semelhante seria o “contrato social”, que encontramos em pensadores como Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau. Segundo Rousseau:

*"Seguir o impulso de alguém é escravidão, mas obedecer uma lei auto-imposta é liberdade".*

Para alguns, a religião aprisiona. Para outros, ela liberta. Acontece algo semelhante quando se estuda ou se trabalha. Alguns podem se sentir presos fazendo isso, enquanto para outros se torna a porta para a liberdade.

(1:51)

Escreveu Dostoiévski em “Notas do Subterrâneo”:

*"O homem é uma criatura frívola e incongruente e talvez, como um jogador de xadrez, ame o processo do jogo, e não o seu fim"*

É parecido com esse trecho de Bhagavad Gita:

*"Você tem o direito de trabalhar, mas apenas pelo amor ao trabalho. Você não tem o direito aos frutos do seu trabalho. O desejo pelos frutos do trabalho jamais pode ser seu motivo para trabalhar. [...] Renuncie ao apego aos frutos. Seja de temperamento constante tanto no sucesso quanto no fracasso. [...] O trabalho feito com ansiedade sobre os resultados é muito inferior ao trabalho feito sem essa ansiedade, na calma da auto-entrega. [...] Aqueles que trabalham egoisticamente pelos resultados são miseráveis"*

Que dizer disto?

Creio que aqui não se fala sobre renunciar somente a coisas como o dinheiro que se consegue com o trabalho. É muito mais que isso. Nós então

deveríamos nos esforçar sem buscar absolutamente nada?

Posso fazer um paralelo com os feitiços. Particularmente com sigilos.

A melhor coisa é fazer um feitiço sem esperar que ele dê certo. Apenas faça e pronto. Fique satisfeito com o processo. Busque satisfação no caminho que percorreu e não com o fim. Senão o objetivo da vida seria a morte e não a vida em si.

Austin Osman Spare deixa claro que devemos apenas lançar os sigilos e depois esquecer deles. O motivo mais comumente citado é para que deixemos a mente inconsciente atuar sem interferência da mente consciente. No entanto, eu diria que o maior motivo para isso é simplesmente para que não esperemos nada, porque, como diz o budismo, o “desejo” que algo aconteça traz sofrimento.

Apenas viva pelo prazer da vida em si e não pelos desejos. Viva nem mesmo pelo prazer da vida, mas pelo conjunto de prazeres e dores que a vida apresenta.

A cobiça por resultados é muito mencionada pelos ocultistas. Não cobice os resultados. Faça sua parte, contribua e acabou. Plante as sementes, crescem as flores e as borboletas virão ao seu jardim, blábláblá, esse tipo de porcaria.

Na verdade, não é bem esse tipo de porcaria. Fodam-se as borboletas. Se não vierem borboletas e seus convidados forem apenas os abutres que devorarão sua carcaça, receba-os de braços abertos.

Então por que ainda fazemos magia? Por que fazer feitiços se tanto faz o que acontece? A questão é que faz, sim, diferença. Porém, não precisamos

## Teoria Caoísta

forçar a barra. Realizemos o que se encontra ao alcance. O magista não precisa entrar em desespero quando o mundo não se dobra aos seus pés.

Se está desesperado, talvez precise de um pouco de taoísmo. É um bom remédio para resgatar um equilíbrio perdido, especialmente o equilíbrio com a natureza. Aproveite e pegue também um pouco de xamanismo. Há seres nascendo e morrendo. Você é mais um ser nascendo e morrendo.

Alguém pode dizer: “Preciso de dinheiro, saúde, paz, amor, etc”. Mas logo notamos que o ser humano pode viver com muito pouco.

Há aquele livro, o tal do “Em busca de sentido” de Viktor E. Frankl. Lembro que quando terminei de ler o livro eu logo pensei: “Para quem reclama que está passando dificuldades na vida, precisa ler esse livro”.

A teoria do autor é que o ser humano pode encontrar sentido geralmente em três coisas: num trabalho que ela realize na vida que lhe dê sentido, se dedicar a outra pessoa que se ama e enxergar sentido no sofrimento. Afinal, passamos por muitos sofrimentos na vida e quando não podemos evitá-lo devemos tentar dar o nosso melhor para agir com dignidade na situação, em vez de apenas amaldiçoar nosso destino ou culpar outras pessoas.

O autor é um psiquiatra judeu que passou três anos em campos de concentração na época da Segunda Guerra. Segundo ele, o amor pode ser tão forte quanto a morte. Mesmo nas piores situações o ser humano ainda pode possuir livre arbítrio e fazer boas escolhas. Pequenos gestos no campo de concentração como alguém dar a outra pessoa um

pedaço de pão que havia guardado da única miserável refeição diária, mesmo que isso pudesse ameaçar sua vida, mostra que até em situações extremas nós temos, sim, uma escolha.

Quem gosta de psicologia pode se interessar pela logoterapia, pois trabalha com essa questão espiritual do indivíduo pela busca do sentido. Nos dias de hoje há muitos que sentem um vazio profundo, tédio, depressão, ansiedade. É comum sentir essas coisas de vez em quando, pois são estágios biologicamente e psicologicamente normais da vida. O problema é quando se sente isso com muita frequência.

É por isso que não entendo o argumento do mal. O tal do “Se Deus existe, por que existe o mal?”. Se não houvesse sofrimento, dor, tristeza, perda, como haveria o amor, a esperança?

Como eu já disse antes, essas coisas estavam aparentemente claras para o pessoal da Idade Média, que conviviam com a dor no dia a dia e a esperança da salvação dada pela Igreja fazia sentido. Hoje acho que nós batemos a cabeça em algum lugar e queremos viver apenas pela metade: queremos só prazer e não dor, porque não entendemos mais que é exatamente pelo sofrimento que temos a alegria.

Aliás, atualmente as mortificações não são mais tão populares no cristianismo como eram nos velhos tempos. Vale lembrar que elas continuam populares em várias religiões da Índia. Mesmo assim, o budismo é mais popular que o jainismo, já que o budismo ensina o “Caminho do Meio” que parece fazer mais sentido aos ocidentais.

O único sofrimento que continua popular hoje é sofrer por estudo e trabalho. Na nossa cultura,

## Teoria Caoísta

quanto mais você se sacrifica por essas duas coisas, mais será elogiado.

Clame: “Eu acordo todo dia quatro da manhã, pego quatro ônibus, estudo, trabalho e ainda cuido dos meus filhos” e você será visto como um herói. Mas experimente dizer: “Estou fazendo um retiro, acordo todo dia quatro da manhã, faço uma hora de meditação, estudo as escrituras e ajudo a cuidar das tarefas domésticas do local” e será visto como um desocupado por se ocupar com algo imaginário como esse tal de “espírito” em vez de contribuir para o crescimento e desenvolvimento material do mundo.

Eis o paradigma em que vivemos. Por isso a Magia do Caos foi bem aceita em nossa época, já que lida com feitiços rápidos para um mundo corrido, como é o caso dos sigilos e servidores. Você não precisa mais passar seis meses rezando para contatar seu Anjo Guardião quando é muito mais fácil criar um servidor ou sigilo totalmente improvisado com qualquer coisa que estiver na sua frente.

É claro que também é possível realizar uma magia caoísta um pouco mais demorada. Por isso o Carroll inventou os monges e monjas do caos que fazem votos temporários para se aprofundar em alguns dos elementos clássicos do caoísmo.

Como vê, o sentido de “tudo é permitido” aqui é bem mais amplo. Significa que muitas abordagens são possíveis, não somente a materialista ou a espiritualista. Busca uma conquista material? Beleza, há feitiços para isso. No momento, quer desenvolver sua espiritualidade? Isso também pode ser feito.

Lembrando que desenvolvimento material e espiritual não são antagônicos. Não significa que o

cara que fez um feitiço para obter dinheiro é egoísta. Acredito que esse é um equívoco, uma mania chata de julgar as pessoas.

Quer um feitiço para ser rico, bonito e famoso? Vá em frente! E foda-se quem não gostar disso. Há sujeitos que fizeram voto de pobreza e estão lá na Índia competindo para ver quem fica mais dias sem comer. Recebi relatos de que isso é bastante comum no jainismo.

Nesse momento, chegamos à mesma reflexão de Salinger: e aí, será que o cara que largou tudo e está tentando ser mais espiritualmente elevado que o amigo é muito melhor que o outro carinha que é um empreendedor e deseja ganhar muito dinheiro, mesmo que seja competindo com rivais financeiros?

Sinceramente, eu acho que os dois não são assim tão diferentes. Então não devemos julgar. Até porque, não é possível entrar no coração de ninguém.

Nesse momento, talvez esse trecho de 1984 de George Orwell seja apropriado:

*"Ouça. Quanto maior o número de homens que você teve, maior é o meu amor. Compreende isso?"*

*"Perfeitamente."*

*"Detesto a pureza, odeio a bondade. Não quero virtude em lugar nenhum. Quero que todo mundo seja devasso até os ossos"*

*"Bom, então acho que vai gostar de mim, querido. Sou devassa até os ossos".*

*"Você gosta de fazer isso? Não me refiro apenas a estar comigo; falo da coisa em si"*

*"Adoro."*

E, quem diria, temos uma passagem parecida em "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley:

## Teoria Caoísta

*“Mas eu não quero conforto. Eu quero Deus, eu quero poesia, eu quero perigo real, eu quero liberdade, eu quero bondade, eu quero pecado”*

Aproveitando as citações, vamos a “Satiricon” de Petronônio:

*“Essa doença somente eu sei curá-la. E para que não penseis que minto, peço-te que deixes o jovem dormir uma noite comigo; verás como ele ficará com sua arma tão dura como um corno”*

Opa, opa! Nada melhor do que um pouco de putaria do ano 60 dC.

Nessa história um dos personagens reclama que antigamente se dava valor à arte e a outras coisas belas e nobres, mas que atualmente (Roma Antiga) só se dá valor ao dinheiro. Os pais insistem em pagar boa educação aos filhos, instruindo que escolham uma carreira que dê dinheiro. Finalmente, os personagens se queixam que os preços das coisas estavam altas demais, que não era como antigamente, em que as coisas eram baratas.

Soa familiar?

(3:16)

Gostei de fazer citações. Vamos continuar com esse jogo por mais tempo.

Que tal um pouco de fantasia? “As Crônicas da Companhia Negra” de Glen Cook:

*“‘Caras como eu dão um chute na bunda de caras como você quando eles começam a filosofar. Se você me entende’.*

*‘Acredito que sim, senhor’”*

E agora veremos como nascem os Deuses:

*"Eu não sou religioso. Não posso imaginar Deuses que dariam a mínima para a humanidade. Quero dizer, logicamente, seres dessa ordem simplesmente não fariam isso. Mas talvez haja uma força para o bem maior, criado por nossas mentes inconscientes conjuntas, que se torna um poder independente maior do que a soma de suas partes. Talvez, por ser uma coisa da mente, não depende do tempo. Talvez ele possa ver em todos os lugares e tempos, e mover os pedões de modo que o que parece ser a vitória de hoje torna-se a pedra angular para a derrota de amanhã"*

Servidores? Egrégoras? Formas de Deuses? Hmmm que delícia!

Aproveitarei a ocasião para comentar essa célebre frase de Francis Bacon:

*"Um pouco de filosofia inclina a mente do homem para o ateísmo, mas profundidade em filosofia traz de volta as mentes das pessoas para a religião"*

David Hume cita isso em seu livro "Diálogos sobre a Religião Natural". Eu poderia responder a isso com mais uma passagem de Hume, dessa vez de sua obra "Ensaio sobre o entendimento humano":

*"Uma pessoa com disposições amáveis pode responder de maneiras impertinentes, mas porque ela está com dor de dentes ou ainda não jantou"*

Caso eu esteja repetindo citações que fiz em outros livros meus, peço desculpas. Não tenho o costume de reler meus livros antigos com frequência.

Já emiti essa opinião em outros lugares e irei repeti-la aqui: não acho que um teísta seja melhor que um ateísta ou vice-versa. Nenhum deles está mais "avançado" no entendimento espiritual ou em qualquer outro entendimento. Acho bobagem essa comparação.

É óbvio que cada pessoa tem defeitos e qualidades. E eles não são absolutos. Acreditar em Deus ou não acreditar para mim não se trata de um defeito ou uma qualidade e sim de uma característica da pessoa. Penso o mesmo sobre ter ou não ter uma religião.

Sobre a observação de Hume, ela significa que você pode até tentar classificar uma pessoa como boa ou má, mas até a pessoa mais bondosa tem momentos de raiva e até a pessoa mais malvada tem momentos de bondade.

A exemplo de Jesus quebrando o templo. É, vocês sabem da história. Se bem que quando se fala de Deuses, acho melhor que os próprios Deuses cuidem de seus negócios. Dizem que os anjos, por exemplo, não cometem pecados veniais, apenas pecados mortais. Ou seja, diferente dos humanos, eles são 8 ou 80: ou muito bons ou muito maus, então é possível identificá-los claramente.

Depois disso, vamos a Sêneca em “Aprendendo a viver”:

*"O geômetra ensina-me a medir as grandes propriedades. Faria melhor se me ensinasse a encontrar a medida exata daquilo que satisfaz o homem. [...] De que me adianta saber lotear um terreno se não sei dividi-lo com um irmão?"*

*"Ó arte admirável! Sabes medir tudo o que é redondo, sabes reduzir ao quadrado toda figura proposta, conheces as distâncias entre os astros. Não há nada que não possas medir. Se és um grande geômetra, mede a alma do homem, diz-nos sua grandeza ou pequenez. Sabes o que é uma linha reta, mas de que te serve isso se ignoras o que é uma vida de retidão?"*

*"Passo, agora, ao músico. Tu me ensinas como os sons agudos e graves combinam entre si, de que maneira os diferentes sons produzidos pela corda formam uma harmonia. Mostra-me, antes, de que maneira a minha alma poderá ficar em harmonia com ela mesma, de modo que não haja dissonância com as minhas resoluções. Indica-me quais são os tons chorosos, mostrando-me, sobretudo, como, em meio aos infortúnios, não passar a me lamentar".*

De fato, é maravilhoso o que faz o geômetra e o músico. Mas na vida é desejável que não se meça ou se cante somente as coisas da terra.

Também diz Sêneca:

*"Por que olhas para o cofre? A liberdade não pode ser comprada [...] Primeiro, livra-te do medo da morte, pois ela nos impõe o seu jugo, e, depois, deves perder o medo da pobreza"*

Na verdade, o medo da morte e da pobreza são necessários. Se perdêssemos completamente esses medos, iríamos cometer suicídio muito facilmente, ou morreríamos num acidente por pouca coisa. De modo análogo, perder completamente o medo da pobreza também poderia levar a morte, caso não tivéssemos mais dinheiro para alimentos e outras necessidades básicas.

É difícil atingir o estado ideal: que o medo não seja excessivo, mas que também não seja inexistente.

Para isso, o espírito deve realizar um cálculo exato. Mas esses números não são desse mundo.

## Capítulo 4: Teoria da Magia do Caos (TMC)

(20:28)

Comentarei um artigo de Frater Ratatosk (Joshua Wetzel) chamado “Chaos Magic Theory”. Seleccionarei alguns trechos.

Uma interpretação curiosa que ele dá para o “Nada é verdadeiro. Tudo é permitido” é que nada, nem mesmo essas sentenças, possuem verdade objetiva.

Ou seja: não é verdade que “nada é verdadeiro”, pois se nada é mesmo verdadeiro, isso inclui essa frase. Por isso, não são poucos os caoístas que gostam de brincar e dizer, com alegria: “Tudo é verdadeiro. Nada é permitido”.

Quem sabe isso não faça diferença nenhuma. E muito provavelmente ninguém se importa.

Vamos nos ater ao começo do artigo:

*“[A Magia do Caos] não se parece com nenhum outro sistema, porque ela não se propõe a ser um sistema. [...] Ela surge da teoria meta-paradigmática. O que quer dizer que todos existem dentro de um conjunto de crenças (um paradigma) e que é preciso algo maior (meta) para explicar o funcionamento paralelo de múltiplos sistemas de crenças. A Teoria da Magia do Caos, portanto, é apenas uma teoria. Não funciona como um paradigma, um conjunto de crenças”*

Na Magia do Caos (MC) costuma-se falar muito sobre paradigmas, mas fala-se pouco sobre teorias.

A Teoria da Magia do Caos (TMC) é uma reflexão sobre os saltos paradigmáticos dados pelos caoístas. Para que serve criar um sistema que não é um sistema?

Eis aí a grande sacada: na verdade, o caoísmo é sim um sistema. Ou, eu deveria dizer: ele é um meta-sistema. Porém, poderiam ter sido criados muitos tipos diferentes de meta-sistemas e a Magia do Caos é apenas um deles.

Significa que até mesmo o caoísta que pensa que enxerga tudo de fora, como um Iluminado, também faz parte desse mundo. Sinceramente, ele faz questão de fazer parte dele, porque se sente muito à vontade nesse grande caos.

Em geral, a maior parte das religiões dá um jeito de sabotar o mundo. Existe sofrimento, então vamos aspirar a um paraíso pós-morte (religiões abraâmicas) ou escapulir do ciclo de nascimentos e mortes (algumas religiões indianas).

É verdade que essas religiões oferecem consolo e alegria já em vida e não somente após morrer, o que é um aspecto positivo. Contudo, na maior parte do tempo o caoísta está muito satisfeito em ser um desgraçado.

Clame, sem medo: “Sou um pobre desgraçado fodido e estou muito satisfeito com isso!”

O ser humano e o mundo em que vivemos estão repletos de contradições e isso faz parte de suas naturezas. Tudo bem, pode entrar em contato com espíritos, Deuses e outros mundos. Você verá que até neles, pelo menos da perspectiva da mente humana, também há problemas.

## Teoria Caoísta

Não precisamos necessariamente buscar uma libertação dos nossos problemas. Podemos aprender com eles.

Isso não significa conformismo. O caoísta não diz: “É meu destino sofrer, o mundo é assim mesmo, Deus quer assim, então não vou fazer nada”. Ao contrário, ele faz o que está ao seu alcance, sem culpa ou medo. Ele se esforça no mundo material e faz até feitiços para obter coisas como dinheiro e conforto, sem medo que os Deuses o julguem por isso.

Em suma, o caoísta faz o que deseja, sem medo de estar cometendo um pecado ou acumulando mau karma. Porém, ele não precisa se apegar aos resultados. Ele fez o que podia. Ele sabe que existem certas leis, seja de natureza material, mental ou espiritual, e que ele não possui pleno controle para dobrá-las conforme lhe aprouver.

Aos poucos ele entende melhor essas leis. Mas seu objetivo não é se tornar perfeito. Ele não quer ser um santo ou um Iluminado. Isso significa que sua meta não é que todos os seus feitiços deem certo.

Seu objetivo é aprender tanto com seus acertos como com seus erros. Ele deve aceitar: “eu nunca vou acertar sempre” e conseguir se sentir confortável com essa realidade.

Não interessa se o respeitável magista chamado Sanduíche Negro do Bosque Treviso clama acertar 90% dos seus feitiços. Ou 99%, não importa.

Lembre-se: você não é Sanduíche Negro (“Ainda bem, porque acho melhor errar todos os meus feitiços do que ter esse nome!” você me diz). Você tem seu próprio caminho.

Fique à vontade para realizar competições saudáveis com seus amigos se isso fizer com que todos evoluam juntos. Mas não precisa se tornar obcecado com isso.

Eu honestamente acredito que adquirir maturidade para aceitar os próprios erros é uma capacidade muito mais importante do que ser capaz de diminuir cada vez mais o número de erros que cometemos.

É claro que como caoísta você tem toda a liberdade de seguir seus próprios princípios. Caso sua meta seja realmente acertar 99,9% dos seus feitiços, vá em frente e se esforce. Não permita que outros riam do seu objetivo ou te critiquem por isso.

Porém, eu só gostaria que você mantivesse em mente que chegar a 100% de acertos é muito complicado, senão impossível. Há momentos em que é preciso ser realista e compreender que até mesmo o cara mais sábio não é um Deus. Há fatores desconhecidos que ele não será capaz de controlar.

Essas são obviamente minhas crenças de acordo com minha vivência e concepções do mundo. O que posso dizer aqui é limitado, porque eu vivo dentro de paradigmas específicos e sou limitada por eles.

Sinta-se livre para questionar até mesmo as coisas que afirmo aqui com muita segurança. Realize testes, questione. A Magia do Caos não tem nenhuma intenção de criar dogmas ou verdades absolutas.

Se me lembro bem, é naquele livro “The Drunkard’s Walk: How Randomness Rules Our Lives” de Leonard Mlodinow que é mencionado que antes era tido quase como uma verdade absoluta que o ser humano não era capaz de correr certa distância

## Teoria Caóista

em certa tempo. Até que chegou um corredor e quebrou aquele recorde que era considerado inquebrantável.

Há os que desejam atingir a imortalidade física. Tudo bem, a ciência de hoje ainda não é capaz de promover isso. Pode ser que seja no futuro.

Lembrando que hoje em dia a maior parte das descobertas importantes são feitas em equipe. Mas se você faz questão de ter toda a glória para si, por que serei eu a julgar?

Pode ser que seu objetivo seja: “Ainda nessa vida, alcançarei imortalidade e juventude eterna, serei milionário, acharei a cura para o câncer, serei capaz de foder com duzentos alienígenas ao mesmo tempo enquanto me torno o Rei de League of Legends!”

O que eu posso dizer? Se isso é tão importante para você, vá em frente e seja feliz!

Eu poderia dar discursos do tipo: “Meu filho, o importante é o amor”. Mas, que diabos! Os homens e mulheres versáteis da era contemporânea certamente conseguem ao mesmo tempo ter amor, salvar a Amazônia e comprar uma espaçonave para ir até a Lua nas horas vagas. Por que não?

Um dos grandes problemas que eu vejo é que muita gente tem dificuldade em entender que o objetivo de outras pessoas às vezes podem ser diferentes dos seus. Se para alguém é mais importante ter dez filhos do que viajar todo ano para o Zimbábue, é tão difícil assim entender isso? Se para outro é melhor ser professor de tupi-guarani do que ser um piloto de avião, é uma escolha realmente de outro mundo?

Na Magia do Caos, você não deixa que outros escolham por você o que é melhor. Pode até ouvir conselhos, mas não precisa seguir todos eles.

Lá na frente você pode até dizer: “É, mãe, você tinha razão. Eu devia ter sido mesmo um localizador de iceberg em vez de ser um ordenhador de cobras” ou “Devia ter casado com o João Godofredo em vez de ter casado com a Maria Carla”.

A vantagem de fazer o que você quer e não o que os outros querem que você faça é que se você se arrepender não precisará colocar a culpa em ninguém. Pode ser que alguns gostem de colocar a culpa nos outros, mas eu particularmente acho que não há nada melhor do que viver a própria vida.

Esse é, na verdade, um argumento para o imperialismo. Os europeus podem tentar governar alguns países africanos sob o argumento de que eles não são capazes de governar a si mesmos ou governariam de forma pior. Mas o tal país tem todo o direito de dizer: “Prefiro governar de forma pior (se isso fosse verdade), mas ter direito a fazer minhas próprias escolhas”.

“Ah, mas vocês são selvagens, não param de fazer guerras, nós precisamos dar um jeito nessa bagunça” dizem os europeus. E os africanos retrucam: “Estamos fazendo guerra porque vocês, boçais, dividiram nosso continente entre vocês no século XIX, na Conferência de Berlim, sem respeitar as nossas divisões internas”.

De modo análogo, nós, como indivíduos, temos as nossas diferenças internas. Às vezes uma religião que deseja que todos pensem e façam as mesmas coisas ignora essas diferenças.

## Teoria Caóista

A Magia do Caos propõe um resgate dessas particularidades que nos torna únicos. Podemos criar nossa própria forma de fazer as coisas. Isso não significa que iremos nos isolar. Ao contrário, iremos buscar inspiração nas mais diferentes fontes e compartilhar conhecimento e criatividade uns com os outros.

É possível ao mesmo tempo manter a própria individualidade e não ser totalmente individualista. A importância dos grupos na MC é enorme. Seremos todos diferentes e não iremos concordar em muitas coisas. Mas ainda assim é possível realizar trabalhos em conjunto. E eles são inestimáveis. Pensar e agir em grupo tem muito mais força.

Às vezes ouvimos falar daquelas grandes descobertas da ciência e não nos damos conta que a maior parte dos caras que fizeram essas descobertas não permaneciam apenas isolados numa cabana fazendo cálculos e experimentos. Era exatamente o contrário: eles visitavam os outros cientistas da época, ou mantinham correspondências regulares.

Por isso, se você ler qualquer biografia desses sujeitos, vai ver que todo o pessoal se conhecia. Os filósofos famosos conheciam a maior parte de seus contemporâneos e trocavam cartas. Eles debatiam suas ideias e comentavam, pois se havia um erro ou algo absurdo isso logo era corrigido e superado. Uma pessoa sozinha não é capaz de enxergar tudo.

Até no livro do Heisenberg, o cara conhecia toda a galera. Conversava com o Bohr, Einstein, Rutherford e toda a rapaziada.

Veja bem: na Magia do Caos você não precisa reinventar a roda. Não é necessário sair em busca de

alguma teoria ou paradigma revolucionário ou de um feitiço super criativo e efetivo. Às vezes é o bastante apenas se divertir em grupo. Para compartilhar coisas simplesmente porque é legal fazer isso!

Muitos criticam magistas que fazem feitiços só porque é legal. Há quem faça feitiços malucos só para curtir, porque é engraçado. Há sempre os moralistas que vão dizer: “Magia é algo sério, não brinque com isso!” ou “Este não é um magista sério, é só um idiota que nem sabe o que é magia e não sabe fazer nada” ou “Ele não tem habilidade o suficiente para que seus feitiços funcionem, então ele dá a desculpa de que só faz magias por diversão para justificar os seus fracassos”.

É muito difícil para algumas pessoas entenderem que os objetivos de outros magistas muitas vezes não são os mesmos que os seus. As pessoas são diferentes, cara! Elas não fazem coisas diferentes apenas porque são piores, por seres burras, incapazes, egoístas ou maldosas.

Você é o herói, o sábio, o poderoso, e os outros são os vilões, os lixos dessa contracultura inferior chamada caoísmo, certo?

Claro que se você deseja realizar coisas “grandiosas” dentro da Magia do Caos, eu diria que é uma das áreas que mais permitem isso, exatamente pelo enorme espaço para liberdade, criatividade e inovações.

Quer mesmo reinventar a roda? Então faça isso.

Alguém vai chegar e dizer: “Mas essa roda precisa funcionar!” ou “Ela deve ser, pelo menos, bonita” ou “Tem que ser engraçada!”

## Teoria Caoísta

Só que, no fundo, ela não precisa ser nada disso. Experimente criar uma magia que não funcione, que seja feia, sem graça, sem sal.

Isso é um teste. Faça esse teste e descubra como se sente e como os outros se sentem com essa magia. Por que sempre seguir regras fixas para desenvolver algo? Tente superá-las. Não se prenda a regrinhas.

Você também pode ser teimoso e experimentar fazer exatamente o contrário do que te sugerem. Sua magia está muito ambiciosa? Vá lá e torne-a ainda mais. Quem sabe sua magia está muito fraca? Vá em frente e torne-a cada vez mais fraca a ponto de que até uma lesma seja capaz de usá-la. E assim torne-se o Rei das Lesmas!!!

Sei que essa não era exatamente sua ambição na vida, mas que se pode fazer?

Se quiser saber mais sobre teoria da magia, sugiro meu livro “O Espírito e a Letra na Magia”, pois digamos que esse livro seja uma continuidade das discussões que levantei por lá, embora lá eu foque mais na ontologia e aqui na epistemologia e na lógica.

Ainda bem que não entrei a fundo em discussões sobre ética na magia, ou esse seria um livro realmente aterrorizante.

Lembro que para escrever “O Espírito e a Letra” tomei como base dois livros da coleção “conceitos-chave em filosofia”. Um deles foi “Religião” de Brendan Sweetman e o outro foi “Metafísica” de Brian Garrett.

A questão é que recentemente chegou às minhas mãos o “Ética” de Dwight Furrow da mesma coleção. E logo no começo o moço já inicia uma polêmica religiosa.

O argumento era o seguinte: se Deus decide o que é certo ou errado, ou suas decisões são arbitrárias ou ele se baseia na razão. Se matar fosse certo só porque Deus comanda, isso não nos pareceria correto. Se Deus se baseasse na razão em vez disso, a definição de bem e mal seguiria a razão e não viria de Deus.

A ironia é que ele chegou a essa conclusão seguindo a lógica humana. Ele simplesmente partiu do pressuposto de que aquilo que é lógico para nós em relação ao bem e ao mal também seria lógico para Deus. Como se a lógica do pensamento de um humano e de um Deus funcionassem da mesma forma.

Lembrem-se que ela não funciona da mesma forma nem mesmo para humanos e anjos. Humanos podem cometer pecados veniais e obter perdão, de acordo com a teologia cristã. Então, pela lógica, pensaríamos: “anjos também devem ser perdoados quando cometem pecados veniais”. Mas a questão é que, não, eles sequer os cometem.

“Macacos devem ser perdoados quando cometem pecados veniais” nós pensamos. Porém, nem sabemos se os animais possuem consciência suficiente para pecar. De acordo com a lógica de diversas religiões indianas como hinduísmo e budismo, até os animais possuem karma e são capazes de boas ou más ações. Mas isso não ocorre necessariamente em outras religiões.

E a que ponto eu pretendo chegar com esse raciocínio? Simplesmente que nós costumamos inferir muitas coisas. Por exemplo: “amor é a coisa mais suprema para Maria, então é claro que amor também é a coisa mais suprema para João”. E

## Teoria Caoísta

partindo de pressupostos errados montamos um raciocínio que não funciona.

Alguns humanos consideram que bem e mal são relativos, outros que são absolutos. De acordo com a lógica clássica, bem e mal são absolutos. No entanto, há filósofos, especialmente modernos e contemporâneos, que questionam isso.

Aliás, o papel de pensadores é questionar o que já foi dito. Se eles apenas concordassem, não acrescentariam coisas novas. Então é possível questionar tudo. Podemos questionar se estamos bebendo de fato água e não uma lama disfarçada quando bebemos um copo d'água, e assim por diante.

Engraçado é quando alguém tenta debater religião usando apenas a lógica humana. “E qual outra lógica vou usar, se sou humano?” seria uma pergunta justa. Podemos tentar bolar outros paradigmas para a lógica, com já foi feito. Ou refletir sobre certas questões não usando apenas a razão.

Quando a filosofia fala sobre Deus, alma e espíritos, ela se enrola toda. Ficam todos completamente embaraçados. Porque quando o “infinito” entra na jogada, seja na filosofia ou na matemática, todos se perdem.

A teologia, ao contrário, sente-se muito confortável com o infinito. Afinal, podemos sentir noções do que seja o infinito em experiências espirituais, como alterações de consciência.

Quem gosta de magia, sabe do que estou falando. Mesmo quem não teve experiências espirituais clássicas em orações ou meditações, já deve ter tido algo parecido ao realizar divinações, evocações ou outros atos mágicos ritualísticos.

Todos nós sabemos o que é o amor. Não precisamos aplicar o método científico para provar que o amor existe. Ou que a dor existe. É curioso lembrar que a ética não se baseia no método científico. Todos esses direitos humanos que existem não foram definidos pela ciência. É uma área que se encontra fora dela.

Pode-se questionar e duvidar seriamente se o amor ou a dor existem. Alguém pode montar um bom argumento lógico provando que, de fato, amor e dor são coisas totalmente falsas. Se muitos pensadores questionam a existência humana ou do mundo material, não seria impossível que nossas sensações e sentimentos também fossem totalmente inventados.

De fato, amor e dor sofrem influência da cultura. Por isso é visto que nossas índias (aquelas que ainda vivem da forma tradicional), por exemplo, sentem nenhuma ou pouquíssima dor no parto. No entanto, as mulheres da cultura ocidental sentem dor no parto principalmente porque é cultural o pensamento de que “parto é uma experiência dolorosa” e isso está tão profundamente arraigado na nossa cultura que não se questiona.

Creio que o mesmo poderia ser dito a respeito de guerreiros de uma tribo que porventura crescessem aprendendo que não devem sentir dor. Muito provavelmente eles seriam condicionados a não sentir dor em diversas experiências realmente dolorosas, até que, de alguma forma, a recepção de dor pelo sistema nervoso deles será fisicamente alterada.

## Teoria Caoísta

Essas coisas são observadas e documentadas pela ciência, embora ainda não se tenha uma resposta clara para isso, já que se conhece relativamente pouco sobre a dor.

Poderia ser um pouco precipitado afirmar que “dor é psicológico”. A dor possui um componente psicológico, mas também tem um componente físico. Esses dois se aliam para resultar numa experiência dolorosa. Por isso, algumas pessoas sentem menos dor que outras, ou têm intensidades de dor variadas dependendo da situação.

Um magista poderia tentar realizar um feitiço para não sentir dor em determinada situação. Eu, por exemplo, quando retirei meus quatro sisos aos 17 anos entrei em meditação nesse momento e me recordo que não senti praticamente nenhuma dor e todo o processo aconteceu muito rápido na minha percepção psicológica do tempo. É possível fazer essas coisas.

Claro que nessa época eu meditava muitas horas diárias e conseguia entrar num estado de meditação profunda muito rapidamente. Com treino, isso é perfeitamente possível. Mas meditação não é a única forma de diminuir a dor.

Não é nem preciso realizar uma alteração profunda de estado de consciência. Pessoas que têm muita fé numa religião podem apenas pronunciar o nome de seu Deus e, por intermédio dessa fé, a dor ser bem diminuída.

Em suma: existem várias formas de se atingir resultados semelhantes na magia. Os caoístas são quase como pesquisadores da magia, que tentam

propor novos jeitos ainda mais efetivos de fazer as coisas.

Confesso que eu sou um pouco cética em relação à possibilidade de se obter uma panaceia para resolver todos os problemas. Ou seja: encontrar uma estratégia para não sentir absolutamente dor nenhuma, em nenhum tipo de situação. Partindo do pressuposto, é claro, que a pessoa não tenha nenhuma doença que a impossibilite de sentir dor. Nesse caso, é um problema.

Pode ser que no futuro seja possível ter pleno controle em relação à nossa sensação de dor. Só temo ao pensar nos novos métodos de tortura que serão desenvolvidos para atingir pessoas que se encontrem nessa situação. Algo me diz que serão muito mais terríveis.

Pode-se obter, potencialmente, qualquer coisa com magia. Até imortalidade, controle pleno sobre a dor ou qualquer outra coisa que se queira.

Mas é como diz o jainismo: nós todos somos, potencialmente, Deuses. Mas um Deus em potência ainda não é um Deus.

No entanto, utilizar o paradigma de que somos potencialmente capazes de qualquer coisa é bastante animador. Isso pode nos dar muita confiança para sermos capazes de realizar magias mais fáceis.

Nesse momento, precisamos estabelecer prioridades: ser capaz de fazer qualquer coisa não significa que faremos todas elas. Deve-se ter foco. É preciso muito esforço para obter algo que é quase impossível. E se essa for a sua meta, muitas das outras coisas deverão ser deixadas de lado.

## Teoria Caóista

Sempre acho curioso que se exijam provas científicas ou lógicas da existência de Deuses, alma, etc mas que não se exija provas desse tipo para a existência do amor, da dor ou da bondade. É muito fácil dizer “a ética é objeto de estudo da filosofia” e todos aceitamos isso. No entanto, dizer “o divino é objeto de estudo da teologia” leva ao questionamento se de fato a teologia possui métodos apropriados para analisar de forma segura essa questão. A teologia possui “apenas” alguns milhares de anos de pensadores dedicando a vida inteira a aprimorá-la. Mas é claro que dizem que ela não está preparada.

Porém, assim como o papel do cientista é questionar, também é este o papel do magista do caos. Ele pode duvidar da existência da dor, do amor, de Deus, da alma, de qualquer coisa. Mas colocar em dúvida não significa negá-los completamente. As suas ferramentas para analisar essas questões serão muitas. O método científico é apenas um dos seus instrumentos. Ele irá aliar tal método a outros, que permitam espaço para a espiritualidade.

Muita gente que aprecia a psicologia tende a reduzir as experiências espirituais como “fenômenos psicológicos”. Mas essa é apenas uma forma de ver as coisas. É uma visão filosófica chamada “subjetivismo” que coexiste com muitas outras visões igualmente fortes.

Quem acredita que tudo é psicológico, ou que tudo na magia é psicológico, está perdendo de ver o mundo sob outros pontos de vista. A mente se abre quando se considera outras possibilidades.

Eu adoro (estou sendo irônica) quando as pessoas dizem: “OK, teoricamente você diz que é possível

obter imortalidade física com magia, mas na prática sabemos que não é”. A isso eu respondo: “Amigo, você está apenas adotando um ponto de vista chamado pragmatismo e considerando que ele é a verdade. Para você, tudo que não pode ser verificado na prática não existe”.

Subjetivismo e pragmatismo são apenas pontos de vista populares no mundo ocidental, na época em que vivemos. Sugiro que você leia Robert Anton Wilson para abrir sua mente sobre essas questões.

Somos muito influenciados pelo positivismo. Está até mesmo na bandeira do Brasil. Disse Augusto Comte: "*O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim*".

Não consigo ser neutra: eu não simpatizo com o positivismo e acho uma pena que ele esteja na nossa bandeira. Veja essa colocação infeliz de Bertrand Russell em seu livro “Religião e Ciência”:

*"Minha conclusão é que, enquanto é verdade que a ciência não pode decidir sobre questões relacionadas a valores, isso ocorre devido ao fato destas questões não poderem ser decididas, de modo algum, intelectualmente, pois estão fora do domínio da verdade ou falsidade. Qualquer conhecimento que possa ser atingido, deve ser atingido através de métodos científicos; e o que a ciência não pode descobrir, a humanidade não pode conhecer"*

Imagine que presunção essa última frase! Ela se traduz quase como: “as coisas que não descobrimos na época atual não serão descobertas em nenhuma outra época”. Como se no futuro a humanidade não seja capaz de inventar algo mais efetivo que o método científico.

## Teoria Caoísta

Para nós, o que a ciência não consegue provar é falso. E aquilo que eu não posso verificar pela experiência dos sentidos físicos é falso. Ou seja: a ciência não descobriu a fórmula para a imortalidade e eu vejo, com meus olhos, que as pessoas morrem. Sendo assim, não é possível obter a imortalidade. Essa conclusão é bastante precipitada.

Empirismo não é a única forma de verificar o mundo. Há também o racionalismo, o espiritualismo e muitas outras.

Está crescendo cada vez mais o número de magistas céticos, que veneram a ciência, a psicologia, o subjetivismo e o relativismo. Vale lembrar que o ceticismo e todas essas outras posições mencionadas são muito úteis para a Magia do Caos. Porém, também vale recordar que o caoísmo não vai sair do lugar se os magistas apenas escolherem essa meia dúzia de paradigmas para adotar e permanecerem pulando amarelinha dentro deles.

Passamos também pela época da veneração pelo Oriente. A Índia como a Meca dos ocidentais que se interessam por espiritualidade. Para os pobrezinhos que estão “desapontados” com as religiões ocidentais que sequer estudaram direito. Se eu perguntar para um magista ocidental: “Quantos livros de budismo e hinduísmo você já leu?” provavelmente a resposta será pelo menos algumas dezenas. Mas se eu perguntar: “Quantos livros de cristianismo e islamismo você já leu?” o magista provavelmente vai gaguejar e vai ter que admitir que vem falando mal de religiões que ele nem ao menos compreende. Ele apenas ouve boatos e os perpetua. Dizem eles que os

defeitos das religiões orientais são desculpáveis, mas as religiões ocidentais são o Capeta.

Quem sabe nossa diversão na vida seja acumular cada vez mais o número de heróis e vilões da nossa lista. E ficaremos do lado dos heróis e da justiça!

Um caoísta não precisa necessariamente se interessar por religiões. Ele pode criar sistemas de magia com qualquer coisa, com videogames e com filmes, por exemplo, o que é algo ótimo para honrar a cultura contemporânea. Caso você tenha interesse em honrar alguma coisa. Se não tiver, também está tudo ótimo.

Ainda assim, não é preciso desprezar as religiões ou supervalorizar uma em detrimento de outra. Muitos caoístas gostam de xamanismo e religiões afro-brasileiras, por exemplo. São áreas realmente empolgantes. Na verdade, não existe ponto de partida melhor ou pior para fazer suas magias. Se você é fera em psicologia, vá fundo nisso. A psicologia possui incontáveis paradigmas diferentes. E eu também adoro a Índia, que possui cultura e religiões riquíssimas e diversas.

O único probleminha (que não chega a ser um grande problema) é quando as citações começam a se repetir e o caoísmo passa apenas a girar em torno dos mesmos tópicos, baseados em sistemas clássicos.

Talvez não sejamos mesmo criativos o suficiente? Talvez ainda não tenhamos nos libertado da magia tradicional? Ainda somos colônia da cabala e do tarot? Quando vamos declarar nossa independência?

## Capítulo 5: O Sol e a Magia

23 de maio de 2016, 19:58

*“A felicidade ininterrupta é uma caceteação; ela sempre deve ter altos e baixos”*

Molière

Hoje de tarde eu estava lendo, deitada na grama. Adoro ler assim quando tem Sol, num lugar específico que aprecio estar.

Muitas vezes, quando sento ou deito na grama por lá, outras pessoas me imitam. Enquanto isso, quem passa na calçada de vez em quando olha. Muitas vezes sorriem, imagino que desejando estar lá lendo no Sol também.

Algumas crianças de uma escola do ensino fundamental se aproximaram. Elas também se reuniram e sentaram na grama em outro canto. Uma delas até veio falar comigo. Ela disse que eles eram de uma escola de Sapucaia.

Houve crianças que correram ou deram gritos de alegria. Mas não de um jeito chato que você deseja que elas se retirem para gritar em outro canto. Surpreendentemente, elas se manifestaram de uma forma natural, correndo juntas com alegria, e nesse momento pensei: “Nossa, a vida é bela!”

Eu me deito para ler em meio à natureza com certa frequência. Atualmente as pessoas não têm

tempo para passear numa praça ou outro lugar que tenha muito verde. Não têm tempo para ler e muito menos para se deitar preguiçosamente na grama.

Eu diria que esse é um ritual que faz parte da minha vida, como comer e respirar. Diria até que torna a leitura mais mágica, mais tranquila. É claro que eu leio em praticamente qualquer lugar, não só em ambientes “ideais”.

Muitas vezes há trechos especiais de um livro que me marcam. E me marcam tanto que eu lembro exatamente em que lugar eu estava quando o li. Quando volto ao tal local, eu às vezes me lembro: “Foi aqui que eu vi Julieta trepar com Romeu” ou algo do tipo.

Quando falamos de magia, a maior parte de nós, ocultistas, pensa em rituais de evocação, tarot, feitiços ou coisa parecida. Alguns até pensam num sujeito meio alternativo no meio da natureza fazendo umas meditações ou invocando elementais.

Há quem diga que a magia está em tudo. Outros falam que dizer que a magia está em tudo é a mesma coisa que dizer que a magia não está em nada.

Vamos voltar ao mesmo dicionário para ver o que ele nos tem a dizer sobre magia:

*“Poderes especiais que podem fazer coisas acontecerem que parecem impossíveis”*

Embora essa definição não esteja tão completa, de certa forma ela é um pouco empolgante. Atiça a imaginação.

Eu diria que ter tempo para ler no Sol é quase impossível nos tempos atuais. Então pode ser visto como um ato de magia.

## Teoria Caóista

Também pode ser que algo que pareça impossível a uma pessoa não o seja para outra. Para alguém que nunca estuda para provas, por exemplo, faz um feitiço para estudar e consegue ler o material por apenas quinze minutos, isso já foi um ato mágico. Foi algo mais especial do que outra pessoa, que já tem o hábito de estudar por mais tempo, simplesmente fazer a coisa que sempre fez.

Por isso eu insisto que, sempre que tivermos forças para isso, devemos evitar nos comparar com os outros. Não importa se outra pessoa tem mais disciplina, habilidade ou conhecimento em algo específico. Você deve analisar a sua situação particular e celebrar cada pequena conquista.

Muitas vezes nós não paramos tempo suficiente para celebrar. Nós atingimos um objetivo, nem ligamos para isso e já passamos para o próximo. Exigimos demais de nós.

O resultado é que dormimos pouco, estamos sempre estressados e nunca sobra tempo suficiente para tudo que temos a fazer no dia.

Não por acaso, o servidor mais popular da Magia do Caos é o Fotamecus! Nós não aceitamos que o dia tenha apenas 24 horas. Frequentemente esquecemos que, após dormir, aparecerá magicamente outro dia de 24 horas! Ou, caso a gente morra durante o sono, não vai dar tempo de fazer o que estávamos planejando, mas nesse caso isso nem vai importar mais.

Bem, do jeito que os magistas de hoje estão apressadinhos, não duvido que eles já estejam montando seu calendário pós-morte.

## Wanju Duli

De qualquer forma, esse é o mundo em que vivemos e o que resta é nos adaptarmos.

O que eu sempre sugiro é que as pessoas estabeleçam prioridades em vez de tentar fazer tudo ao mesmo tempo.

No caso de quem trabalha, estuda e tem filhos pequenos, como no meu exemplo lá de cima, não tem jeito: é preciso improvisar. Mas em várias situações sempre é possível realizar pequenas mudanças que se já gerarem uma hora a mais de sono já valem a pena.

Eu ando bem ocupada, mas já me acostumei com isso. Confesso que não sou nem um pouco perfeccionista. Minha irmã gosta de manter tudo ao redor dela sempre bem arrumado e limpo e tenta fazer com perfeição cada coisa. Até quando ela começa a ler um livro e vê que não está entendendo, ela para de ler e volta para o começo, até entender.

Já eu sou exatamente o contrário. Eu limpo as coisas, mas só o básico. Não me incomodo com bagunça. Meus livros estão atirados um por cima dos outros e não cabe praticamente mais nenhum livro no meu quarto, mas eu vou enterrando eles aos montes, em torres, em montanhas, em escorregadores, livros equilibristas, livros com a bundinha para fora, etc.

Começo a ler um livro, não entendo e continuo. Tento “sentir” o que é dito, sem a necessidade de entender. É como ler Deleuze. Não tente entender, pelo amor dos Deuses!

Começo a escrever um livro, vou atirando as ideias, reviso no máximo uma ou duas vezes e

## Teoria Caóista

acabou. Não me importo com erros, com imperfeições. A vida está cheia dessas coisas.

Cada pessoa tem um estilo diferente. Cada um deve achar seu equilíbrio. Quem sabe o estilo da minha vida possa ser meio maluco para algumas pessoas, mas para mim se encaixa perfeitamente. Amo minha vida, amo meu dia a dia. Creio que cada personalidade se encaixe com algo único.

Mas é ilusão desejar uma vida que sempre seja repleta de maravilhas e alegrias. Isso é meio irreal. Até porque, para ter certos picos de alegria, é preciso cair. Senão, eles seriam apenas mais uma felicidade qualquer.

Pensar sobre as coisas, montar teorias, analisar, em vez de simplesmente fazê-las, vale a pena. É óbvio que de vez em quando devemos seguir nossos impulsos, paixões e intuições sem pensar muito. Mas há espaço e momento para tudo na vida. Até o cara mais da “ação” vai se deparar com momentos reflexivos. Aproveite-os bem. É inestimável pensar e planejar.

A Magia do Caos é tida como uma linha da magia meio louca e exótica. Podemos abraçar tais estereótipos, mas também entender que o caóismo é muito mais que isso. Ele não é apenas: “Misturar tudo e pirar”. Há ocasiões de misturar e pirar, sem se importar com o que os outros vão pensar. Mas também haverá a ocasião de rabiscar suas ideias.

Pode ser num bloquinho no meio do ônibus. Vá jogando palavras, frases soltas, desenhos. Quem sabe também pode ir registrando o que enxerga por aí que te inspira. Nos livros do Patrick Dunn há umas boas

dicas de exercícios desse tipo, para soltar a criatividade.

Só que você não precisa ser totalmente genial. Já é um ato mágico encontrar um pouco de paz e alegria num mundo caótico. E o primeiro passo é aceitar que o mundo não é um spa. Isso porque nós não nascemos necessariamente para brincar e descansar. Há quem diga que vivemos com a meta de desenvolver nossa moralidade. Mas você não precisa concordar com isso. Vá descobrindo aos poucos, sem pressa. E se morrer sem descobrir, não tem importância, pois as pequenas descobertas costumam valer mais do que as grandes, especialmente para nosso dia a dia.

Se você deseja um estilo de caoísmo mais pacífico e tranquilo, recomendo Julian Vayne. Ele é totalmente de boa e os livros dele passam uma atmosfera de completa paz. Quem curte fazer um contato com alienígenas, pode checar o Anton Channing.

Mas como disse Phil Hine, é possível aprender sobre Magia do Caos nos lugares mais improváveis.

O objetivo desse livro era não ter objetivo nenhum, então creio que ele atingiu seu objetivo. Apenas joguei alguns peixes no mar com ideias recortadas, para quem gosta de pescar. Só que são peixes morto-vivos, ou pedaços de peixes, peixes filhotes, peixes esqueléticos e coloridos.

E já que falamos de peixes, se ninguém quiser comê-los há muitos gatos por aí. Por isso, finalizo com esse trecho do livro “O gato por dentro” de nosso herói caoísta William S. Burroughs:

## Teoria Caoísta

*"Essa é apenas uma das linhagens exóticas que alcançam preços altíssimos nos mercados de gatos... gatos que voam e planam...um gato de um azul-claro elétrico, que exala um leve cheiro de ozônio... gatos aquáticos com membranas entre os dedos dos pés (ele emerge com uma truta morta na boca)... delicados gatos de pântano, magros, de ossos leves e patas magras e chatas - conseguem deslizar com grande velocidade sobre areia movediça e lama... pequenos gatos lêmures com olhos enormes... um gato escarlate, laranja e verde com pele de réptil, um pescoço comprido e sinuoso e presas venenosas - o veneno é parecido com o do polvo de anéis azuis: dois passos e você cai de cara, uma hora depois, está morto... gatos gambás com um jato mortal que mata em segundos como garras no coração... e gatos com garras venenosas que secretam veneno de uma glândula no meio do pé"*

**FIM**





